

25-66

CHRONICA THEATRAL

DA

Nova Academia Dramatica.

N.º 1.º

THERESA,

DRAMA

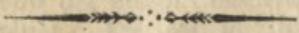
DE

M. Alexandre Dumas;

EM CINCO ACTOS, E EM PROSA,

Vertido em linguaagem.

~~~~~  
*Laetitia, studium, gloria.*  
~~~~~



COIMBRA:

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1839.

CHRONICA THEATRALI

João Baptista Pereira

N.º 1.

THEATRO

DRAMA

de Mr. Alexandre Dumas

EM CINCO ACTOS, E EM PROSA

Traduzido por Indagator

.....
.....
.....

COIMBRA:

DA IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1838

Prefacio dos Traductores.

Quando no anno preterito de 1838 reunimos os nossos esforços para edificar um Theatro Academico, no qual em honesto passatempo, e util instrucção empregassemos as poucas horas, que nos cabem de usual descanso no estudo das Aulas, logo assomou em os nossos espiritos a formosissima idéa de um aperfeiçoamento mais illustrado e subido assim na grandeza e contextura material da obra, como no progresso moral dos conhecimentos Dramaticos, ainda tão pouco vistos e estudados entre nós; e tanto para se verem e estudarem, — como capitulos de uma educação perfeita e delicada, — castigadores dos costumes, — e espelhos das paixões e vicissitudes humanas.

Temos actualmente a satisfação de ver coroados os nossos ardentese desejos em ambos estes particulares. — A obra do Theatro, fructo dos esforços, zêlo e constancia da Associação, cresce grande e formosa á sombra das sympathias, e coadjuvação de grande parte do Magisterio Academico, e outras pessoas sisudas e respeitaveis da Cidade. E não é em parte menos satisfeito o nosso outro desejo; porque forão instituidos um Conservatorio Dramatico, um Conservatorio de Musica e outro de Pintura, que tem convidado para o seu gremio aquelles Academicos, que podião prestar algum serviço em qualquer destes ramos; — grande numero de Socios tem concorrido a inscrever-se como Actores; — e esperamos em breve tempo ver arraigado em Coimbra com as mais sólidas e profundas raizes o bom gosto Dramatico.

Chamados pelos votos dos nossos Consocios a desempenhar os difficeis cargos de Membros e Directores do Conservatorio Dramatico, quizemos dar começo aos nossos trabalhos com a versão em language da excellente Peça de Mr. *Alexandre Dumas*, a THEREZA que approvamos e fizemos ensaiar para ser declamada em uma das primeiras Recitas, — não podendo satisfazer á vontade, que tinhamos, de abrir o Theatro com um Drama puramente nacional, por não ter algum á mão com a simplicidade de decorações, e vestuario, que demanda um Theatro nascente e mal acabado. Fizemos todavia

quanto em nós estava para que o estilo e termos da versão fossem verdadeiramente Portuguezes, já que o Drama o não podia ser. E, se por ventura nos não faltarem no anno por vir saude e tempo, talvez caminhiaremos mais ávante na carreira Dramatica dando á luz novas Peças, já vertidas, já imitadas, já originaes conforme em as nossas posses for cabendo, abrindo por esta maneira um caminho, que tibios, e receosos encetamos, porém, onde deixamos aos nossos successores largo campo para colherem um dia mais sasonadas, e gloriosas palmas.

Coinbra. Sala da Direcção do Conservatorio Dramatico em a nova Academia Dramatica, 28 de Abril de 1839.

Rodrigo José de Moraes Soares,
Presidente.

José Freire de Serpa Pimentel,
Secretario.

José Maria Eugenio d'Almeida,
Relator.

Antonio José Marques Corrêa Caldeira,
Membro do Conservatorio.

João das Neves Gomes Elizeu,
Membro do Conservatorio.

N.º 1.

THERESA,

DRAMA

EM CINCO ACTOS, E EM PROSA.

DECLAMADORES.

Os Illustrissimos Senhores

O BARÃO DELAUNAY	<i>Francisco Maria da Silva Torres.</i>
THERESA	<i>Lucas Fernandes das Neves Junior.</i>
ARTHUR DE SAVIGNY	<i>José Freire de Serpa Pimentel.</i>
AMELIA DELAUNAY	<i>Antonio de Serpa Pimentel.</i>
LAURA DE SOUSA	<i>Frederico Augusto Pereira de Moraes.</i>
DULAU	<i>Feliciano Augusto de Brito.</i>
PAULO	<i>Herculano Aprigio Santa Barbara.</i>
O BARÃO DE SORBIN	<i>J. de V. P. C.</i>
O GENERAL CLEMENTE	<i>Francisco José Alves Vicente.</i>
Mr. DE SERÇANES	<i>Antonio de Vasconcellos Pereira Coutinho.</i>
UM ESCUDEIRO DO BARÃO	<i>José Maria d'Almeida Queiros.</i>

COMPARSAS.

SENHORES E SENHORAS CONVIDADAS.

CREADOS DA CASA DO BARÃO.

A scena é em Paris, em casa do Barão Delaunay.

A época é em 1832.

ACTO PRIMEIRO.

(Uma Sala. — Amelia Delaunay está com a cabeça encostada sobre uma arpa, de que extrai alguns tons durante o começo da Scena. — Perto d'ella está Arthur de Savigny em uma attitude quasi familiar. — Laura de Sousa trabalha junto de uma mesa.)

SCENA I.

AMELIA, ARTHUR e LAURA.

AMELIA. E em que época era que estaveis em Veneza?

ARTHUR. Felos fins do anno de 1829.

LAURA. E merece acaso a rainha do Adriatico toda a reputação, que por via dos poetas tem adquirido?

ARTH. Foi ella a unica cidade no mundo onde Byron se demorou tres annos.

AMEL. E lembrão-se ainda d'isso os habitantes?

ARTH. As Cidades, Amelia, cujos monumentos vão desabando em ruínas, esquecem de pressa os homens. — É verdade, que alguns Venezianos se lembrão talvez ainda de ter visto passar pelas ruas de Veneza um estrangeiro pálido e altivo, que se chamava Byron: se todavia d'elle se recordão não é por ser o autor do *Cursario*, e do *Child-Harold*, nem pelo considerarem como nós uma especie de Anjo rebelde e decaído, sobre cuja fronte o dedo do Eterno escreveu GENIO e DESVENTURA. — Lembrão-se d'elle pelo ter visto galopar montado em soberbos cavallos por cima das pedras humidas da Praça de S. Marcos; e isto em uma terra, onde a raça de taes animaes é quasi desconhecida; e porque n'esses mesmos cavallos o virão no Lido correr por entre os tumulos do Cemiterio Judaico, lugar, onde um Christão só á força entraria de noite.

AMEL. Ora eis ahí está porque eu não gosto de Veneza.

ART. Fôra antes motivo para não gostar de seus habitantes, Amelia. — Os povos, segundo tenho observado, raras vezes estão em harmonia com as cidades, que habitão. — Veneza, minha Amelia, deve ser vista do alto do obelisco de S. Marcos, banhando os seus pés nas ondas como a Venus maritima, e sulcada á noite em todas as direcções por innumeraveis *gondolas* negras, com suas lanternas nas prôas, cruzando-se como as estrellas do ceo; — Veneza deve ser vista do Lido, quando coberta com os nevoeiros da manhã, cada baforada da brisa do Adriatico rasga, e leva consigo um pedaço de seu véo branco, e descobre ora um palacio, ora uma ponte, ora uma Igreja. Parece, perdoa-me a comparação, Amelia, parece uma Cortezã, que por finura só pouco a pouco nos quer deixar ver a sua belleza.

LAUR. Eis ahí uma descripção, senhor Arthur, que me parece mais propria de um Poeta, que de um viajante.

AMEL. Depois de casados, meu Arthur, havemos de ir ambos a Veneza. Prometteis levar-me lá, não é verdade?

ARTH. Sim, minha Amelia; e então Veneza me parecerá mais formosa ainda,

porque me acompanhareis ao alto do obelisco de S. Marcos, estareis comigo no Lido; e se me não fizerdes esquecer Veneza, ao menos muito mais linda me parecerá ella; porque os olhos, com que a vir, serão os olhos de um homem afortunado.

AMEL. Depois fosteis?

ARTH. A Napoles.

AMEL. A Napoles, onde agora está meu Pai!... Ah! fallai-me em Napoles, Arthur.

ARTH. Vosso Pai está a chegar, e eu não quizera privar-o do maior prazer do viajante: a satisfação de fallar nas suas viagens.

LAUR. Dizei antes, senhor Poeta, que as recordações, que trouxestes de Napoles, não entrão em o numero daquellas, que tencionaes confiar a Amelia.

ARTH. Porque motivo senhora Laura?

AMEL. (*A Arthur*) Que quer ella dizer com aquillo?

ARTH. Prestai-me attenção, Amelia, porque as cousas, que vou dizer-vos, equivalem a uma plena confidencia. Vosso Pai está a chegar; e o seu regresso será seguido do nosso casamento. Esta união deve ser, ao menos segundo as minhas esperanças, um futuro de felicidade para ambos: é por tanto necessario que vós me conhecaes como eu vos conheço, para ser imperturbavel essa felicidade, nada tendo que censurar um ao outro. Vosso coração, Amelia, está tranquillo, nem jámais o atormenton paixão alguma; mas sereis talvez a unica no mundo, a quem Deos concedera essa pureza, e formosura de Anjo. Quereis-me bem, talvez mais como a um irmão, que como a um marido... Oh! eu não vos levo isto a mal, porque antes de me conhecerdes não tinheis amado ainda, nem mesmo com affecto de irmã... Eu sou menos feliz, Amelia, e não vos offereço uma alma tão pura como a vossa: dous annos da minha vida forão consummidos por um amor violento. A minha desculpa são duas palavras: não vos conhecia ainda, Amelia...

AMEL. (*Ingenhiamente e com curiosidade.*) Oh! contai-me essas cousas.

LAUR. Como assim! Dessa maneira escutas confissões de tal natureza!

AMEL. Sem dúvida. Não ouviste tu como eu ouvi? Não disse elle que essa paixão se tinha extinguido, e que não me conhecia ainda no tempo em que ella tinha brotado? E então! Conhece-me agora, e quer-me bem. Que me importa um passado, que me não penitencia, quando o futuro póde ser meu?... Contai-me tudo, Arthur! contai-me tudo!

ARTH. Muito agradecido vos fico, senhora Laura, porque, apezar de não ser essa a vossa intenção, livrasteis-me todavia dos embaraços de uma confissão, que o meu amor espaçava por nimiamente tímido, mas que a minha lealdade me obrigaria a fazer um dia.

AMEL. Vamos depressa á historia... o seu nome antes de tudo.

ARTH. O seu nome não me pertence, Amelia; é a unica circumstancia, que não posso revelar-vos.

AMEL. Em tudo tendes razão... Mas podeis contar-me como a conhecesteis, dizer-me se a amasteis muito, se durou longo tempo esse amor, se ella vos queria igualmente bem, se era bonita, que idade tinha... Podeis dizer-me tudo isto.

ARTH. E tudo me perdoareis, inda quando vos diga que era bella; não é verdade?

AMEL. Arthur!...

ARTH. Que?...

AMEL. Olhai para mim. — Quereis-me bem?

ARTH. De todo o meu coração.

AMEL. Estais perdoado.

ARTH. Que indulgente que sões!

AMEL. Nada de cumprimentos. — Vamos á nossa historia.

ARTH. Havia oito dias, pouco mais ou menos, que eu estava em Napoles: habitava junto do Vesuvio uma dessas Villas deliciosas, que bordão o golfo chamado d'Ischia, quando no meio da noite um violento abalo veio acordar-me. Pelo clarão avermelhado, que penetrava no meu aposento, pelo sibilar do vento, que atravessava o espaço, pela chuva de fogo, que caía, conheci que ia ser testemunha de uma dessas erupções, que tanto desejava ver. — Apenas tive tempo de me vestir, e de lançar um capote aos hombros; porque

cada degráo da escada tremia e estalava debaixo de meus passos. — Precipitei-me na rua. — Horrivel cousa era ver uma povoação inteira a fugir sobre uma terra movediça, entre duas fileiras de casas, que oscillavão como arvores agitados pelo vento. — Duas senhoras caminhavão diante de mim sem ninguem, que as acompanhasse, nem protegesse; tomei-as pelo braço. — Divisei uma vereda, que ia dar á praia: segui-a levando comigo as duas senhoras. — Um pescador desamarrava o seu barco, no fito de passar á margem opposta: obriguei-o a que nos desse lugar dentro delle; pois, inda que o mar estivesse agitado como por uma tempestade, era todavia menor o perigo sobre elle, que no meio das ruas onde os edificios desabavão. — Dei algumas peças d'ouro ao Barqueiro, e conduzi as senhoras para uma especie de tenda levantada na poupa, que podia abrigal-as da chuva de cinzas que caía. — O pescador soltou o panno aos ventos; e o barco partio por cima das ondas, como um passaro do mar atordoado.

LAUR. Parece um romance, senhor Arthur.

AMEL. Deixai-o continuar.

ARTH. Logo que puz em segurança as duas senhoras, que o agoas tinha collocado debaixo da minha protecção, o desejo de contemplar o espectáculo, que diante de mim se descortinava; tornou-se o meu unico pensamento; encostei-me ao mastro da nossa pequena embarcação, e puz-me a observar: Ah! Não é preciso estudo para o descrever, Amelia... Imaginai uma columna ardente, que se arroja pelos ares a duzentos pés de altura, e de lá se precipita em linguas de fogo sobre a terra; torrentes de lava incendiada, que saltão em cascatas; um mar de lavaredas, que desce ao encontro do outro, e ora o leva diante de si, ora recúa á vista d'elle, repellido, e repellindo quasi ao mesmo tempo... dous elementos que luctão como dous homens... uma natureza agonisante, que parece implorar misericordia; sombras desgrenhadas correndo áquem, e além sobre a praia em uma atmosfera avermelhada; como os condemnados do Dante. Imaginai tudo isto,

e apenas concebereis a frouxa idéa de uma noite em Napoles, no meio do Golfo altanado d'Ischia, durante uma erupção do Vesuvio. — Eu estava em pé, immovel, com os braços cruzados, os olhos fixos, o peito a arquejar; quando n'um movimento do barco senti um braço encostar-se ao meu, e uma voz dizer por detraz de mim: — não é isto sublime? Voltei o rosto para aquelle lado, e... perdoa-me, Amelia... é aqui que eu peço licença para dizer a verdade sem refolhos... Aquella mulher, vista assim á luz do incendio, com seus olhos negros, seus cabellos soltos, sua côr de Napolitana, que o reflexo do vulcão allumiava com uma luz fantastica, aquella mulher, ah! aquella mulher era formosissima! — Adevinhais que foi ella, a quem amei. — A maneira porque a conheci, o romanesco do nosso encontro, a facilidade de a tornar a ver, consequencia do serviço, que lhe prestei, a ella, e a sua Mãe, tudo isto formou entre nós um laço, que seu Pai no regresso de uma viagem desfez com uma palavra... Ella era rica, e eu não o sou. — Um dia, chegando á hora do costume, sube que tinha partido: uma carta sua me annunciou, que obedecia a seu Pai, e ordenava-me que voltasse á França, sem me informar do que era feito d'ella. — Obedeci-lhe, e voltei á patria. — Estaveis então no Collegio, Amelia; vosso Pai fallou-me na vossa pessoa, como n'um Anjo de candura e de belleza. De ha muito me conhecia elle, e me tinha por homem de bem; partia para a Italia; não queria deixar-vos desamparada; e apesar da differença de opinião das nossas familias; por isso que elle era coronel do Imperio, e o sangue Bretão de meu Pai tinha corrido na *Vendée*; apesar de tudo isto offereceo-me o titulo de vosso esposo...

AMEL. Que recasasteis sem hesitar... Fico-vos muito agradecida.

ARTH. Inda não vos tinha visto, Amelia... e depois...

AMEL. Agora adevinho tudo: foi por desesperar d'esse casamento que elle me deu para companheira, ou antes para irmã a minha querida Laura, filha de um amigo morto ao seu lado em uma batalha... não é assim, Laura?... foi

por isso que me deu Dulau por tutor, fazendo-o vir estar connosco n'esta casa, e vos permittio a vós, senhor Arthur, que viesseis fazer-nos todos os dias uma visita... Não é isto verdade? Ficou alguma cousa por dizer?

ARTH. Sim, Amelia, ficou; porque vos esquecesteis de accrescentar, que apenas vos vi uma vez logo desejei ver-vos segunda... Olhei-vos ao principio como uma irmã: vosso caracter que se desenvolveu sem constrangimento na minha presença, fez-me bem depressa envejar a sôrte d'aquelle, que um dia fosse vosso esposo... seguirão-se os zelos... e conclui pensando que podia eu mesmo ser esse esposo. — Habituei-me a este pensamento: foi-se apagando pouco a pouco a memoria do meu primeiro amor, que por fim apenas se apresentava como um sonho ante o meu espirito... É sim verdade, que d'elle me recordo ainda, porém sómente como de um episodio maravilhoso, e inseparavel d'essa noite, em que vi Napoles tremendo, o mar alevantado, e o Vesuvio em chamas.

AMEL. Ah! mui bello devia de ser isso! — Quero que me leveis a Napoles, meu Arthur: tambem nos chegará a nossa vez de contemplar, um junto do outro, no meio do golfo, uma erupção do Vesuvio; e vereis que apesar dos meus olhos azues, e a minha côr de Franceza, posso tambem ser linda á luz fantastica de um vulcão.

LAUR. Ah! vem Dulau.

SCENA II.

Os mesmos e DULAU.

DULAU (com uma carta na mão.) Boas noticias, boas noticias, meus filhos!...

AMEL. Uma carta de meu Pai?

DUL. É verdade.

ARTH. De Napoles?

DUL. De Lyão.

AMEL. De Lyão! meu Pai em França!... Ah! sões um tutor barbaro Dulau!... Mostrai-me depressa a carta de meu Pai!

DUL. E dar-mo-has os agradecimentos?

AMEL. Ah! até vos darei um abraço!

ARTH. *(Tira a carta a Dulau)* Devo ser eu o recompensado, Amélia, pois sou o que tenho a carta.

AMEL. *(indo para elle)* Oh! vejamos, vejamos!

(Encosta-se Amélia no braco de Arthur; lêem ambos ao mesmo tempo. — Dulau olha para elles com ar de complacencia, Laura de inveja.)

ARTH. *(Lendo)* « Meu caro Dulau, cheguei esta manhã a Lyão: não me demoro aqui senão o tempo sufficiente para me desenfadar; parto antes de poucas horas; e talvez entre em Paris quasi ao mesmo tempo que esta carta.»

AMEL. Quasi ao mesmo tempo, ouvis Arthur!... e quando chegou a carta?

DUL. Esta manhã.

AMEL. E vós só nos dais semelhante noticia ás tres horas da tarde!

DUL. Entrei n'este instante; e agora mesmo m'a entregáram.

AMEL. Arthur, vejamos se o Papá diz mais alguma cousa.

ARTH. *(Lê.)* Nada me podia ser tão lisongeiro como o que me referes acerca do amor de Arthur para com Amélia.

DUL. *(Interrompe-os.)* Basta, basta, meu cavalheiro: este negocio é só entre nós ambos; são cá segredos nossos; não vos pertencem.

AMEL. Arthur, entregai-lhe a carta, porque já sabemos tudo o que desejamos. Senhor Dulau, o Papá está a chegar; vossa tutela finda hoje mesmo; e eu dou graças ao céo, porque tendes tornado bem infeliz a vossa Pupila! *(Apertando-lhe as mãos ambas.)* Ouvis, meu rico Dulau?

DUL. Ingrata!

ARTH. Percebeis, Amélia?... Vosso Pai está a chegar; e essa cruel distancia, que nos separava da felicidade; já não existe!... Mas vós não pensaes em tal!..

AMEL. Senhor, eu só penso no prazer de tornar a ver meu Pai; e em quanto o não vir, sem dúvida me esquecerei de vós, de Dulau, e de Laura; saltarei como uma louca; correrei por toda a casa, e gritarei. « Meu Pai está a chegar! » *(sente-se ruido na sala de fóra.)* Dil-o-hei aos creados, ás minhas rolinhas; e... *(olha para a sala de fóra,*

e descobre o Pai) e... ah! ah! meu Pai!... *(Lança-se nos braços do Barão, que assoma ao fundo da sala.)*

DUL. Eil-a, que parece louca!...

ARTH. *(Voltando-se)* O Barão!...

DUL. Dalaunay!...

SCENA III.

Os precedentes e DELAUNAY, entrando (com o chapéo na cabeça, o capote aos hombros, sua filha abraçada ao peçoço.)

DELAUN. Minha filha! minha menina! minha querida Amélia!...

AMEL. Meu Pai!...

DEL. Meu velho amigo!...

ARTH. Senhor Barão!...

DEL. *(A Amélia)* Ah! Deixa-me, minha filha. Quero desembaraçar me deste capote, que me prende os braços, quando tanto careço d'elles para vos abraçar a todos. — *(Tira o capote e o chapéo.)* Ah! meus ricos amigos!... *(Abraça-os)* Agora, sim; deixai-me ver bem minha filha.

AMEL. Então! Papá!...

DEL. Com effeito estás muito feia

AMEL. Isso é lisonja, meu Pai.

DEL. Não... procura a Arthur... Que vos parece Arthur?

ARTH. As minhas cartas que o digão, senhor Barão.

DEL. Sim, temos que fallar a respeito das vossas cartas: não estão ellas muito em harmonia com o que aqui me dizieis, nesta mesma sala!...

ARTH. Perdoai!...

DEL. Que nunca!...

ARTH. Por quem sões!... Estava insensato!...

DEL. E agora?

ARTH. Agora só depende de vós a minha ventura.

DEL. Fallaremos n'isso mais devagar; pois que por agora, postoque muito grande seja a satisfação de vos tornar a ver, há todavia que fazer cousas de mais ponderação. — Tu, minha Amélia, incumbete do meu aposento, de que tomo posse esta noite, e onde quero que nada falte. — Laura, tu ficas encarregada do jantar. Temos hospedes: faze por tanto que todos os creados estejam promptos; — Vós sões convidado, Ar-

thur: apenas ireis vestir uma casaca; temos senhoras, temos á noite serão, e se Amelia instar muito comigo, dançar-se-ha talvez.

AMEL. Eu insto muito com vosco Papá!

DUL. Mas d'onde te vêm toda essa gente?

DEL. São amigos nossos de Paris, a quem escrevi ao mesmo tempo que a ti... uma reunião a celebrar o meu regresso... uma renovação de antigos conhecimentos. — (*A Amelia e Arthur, que conversão*) Está decidido; dançareis ambos a primeira contradança... Mas vá cada um ao que lhe cumpre; aliás faltar-vos-ha o tempo... ide, ide... — Até logo, Arthur. — Perdôa o incommodo, que te dei, Laura. — Vai, minha filha, vai!... (*Sãem todos tres*).

SCENA IV.

DELAUNAY e DULAU.

DELAUNAY. Ora estamos sós finalmente.

DUL. Ha mais tempo o desejava.

DEL. Que dizes de minha filha?

DUL. Já a viste; que mais queres que diga?

DEL. Tens razão; cada vez mais encantadora! e Arthur!

DUL. É um moço cheio de fidelidade e valor.

DEL. É o conceito que d'elle já fazia. E o Barão de Sorbin?...

DUL. Continúa a protegê-lo. — Já por varias vezes foi offerecido a Arthur o lugar de secretario de uma embaixada.

DEL. E elle tem recusado?

DUL. Bem vêes que aceitando era indispensavel separar-se de Amelia.

DEL. Logo amão-se?

DUL. Como loucos.

DEL. Ainda bem... Mal sabes, Dulau, quanto me é grato o ver que tens perdido os teus habitos de solteiro; para adquirir os de Pai de familias!

DUL. Meus habitos!... Se eu fiquei solteiro para os não adquirir! — Vim para tua casa: e então! foi para mim um prazer, uma distração, uma felicidade... Teus filhos divertião-me; e o vel-os tornava-me ditoso. — Se eu fosse casado,

minha mulher se incommodaria com isto, ou toda a minha familia teria de vir para tua casa, o que por certo não era facil; e não poderia ter prestado a um excellente amigo um serviço, que por si mesmo é sufficiente recompensa. — Nem todos os velhos solteiros são egoistas, Delaunay: como para tomar qualquer resolução não tenho a consultar senão a minha propria vontade, fica-me livre sujeital-a á dos meus amigos; e como sou preguiçoso, são elles que deuen viver por mim: elles pensão, e eu obro; e não sei dar mais que duas respostas a quanto me propozerem: « quero », 'ou « é-me indifferente ». — Habitos!... não sabes tu que um habito perdido arrasta ás vezes um homem á sepultura?

DEL. Tens razão, Dulau: és o melhor homem do mundo. — Está decidido; não sou eu quem te devo agradecimentos, és tu que... A proposito como te davas com o teu aposento?

DUL. Excellentemente.

DEL. Estimo; e apesar de ter findado a tua tutoria, espero que nem por isso nos deixarás.

DUL. Ficarei com muita satisfação.

DEL. Agora diz-me porque desejavas tanto fallar a sós comigo?

DUL. Ah! é porque não queria perguntar-te na presença de teus filhos se tinhas enloquecido.

DEL. Como assim!?

DUL. Chegas d'uma viagem enfadado, como deves de vir; e em lugar de te desenfadares e descansar; comesas a fallar em serões, em bailes...

DEL. E então?

DUL. Percebo. Visto isso, o sol de Napoles deu-te volta ao miolo!

DEL. A mim?... Eu sou o mesmo homem.

DUL. Quero dizer nisto, que te desconheço, Delaunay; até o estilo de tuas cartas está mudado; se não fosse a assignatura affirmo-te que as julgaria escriptas por algum moço enamorado, Arthur por exemplo.

DEL. (*Rindo*) Ah!

DUL. E depois, quando te torno a ver, quando tuas cans me provão que és o meu velho amigo, eis que principias a fallar-me em bailes, em partidas, em funcções... Aposto que tambem danças!

DEL. Porque não?

DUL. E as tuas quinze campanhas?

DEL. Já me não lembrão?

DUL. E os teus ferimentos?

DEL. Já os não sinto.

DUL. Meu amigo, fallemos com franqueza; tu dás-me cuidado.

DEL. E tu causas-me lastima.— Mas fallemos tambem com franqueza, Dulau; não virá a velhice demasiado cedo sem que seja preciso andar ametade do caminho ao seu encontro? Demais disso, quem nos faz velhos? Confessa que não é a idade, são as doenças. Que importa que pésem sobre mim 59 annos, se o meu coração activo, e ardente parece palpitar ainda dentro de um peito de mancebo!... Dulau, é verdade o que disses-te, isto é devido ao sol de Nápoles, á sua atmosfera animadora, com a qual se bebe a vida... é devido á felicidade de ver que Amelia e Arthur realisão com o seu mutuo amor um dos meus mais doces sonhos e desejos... é devido ainda a outra cousa, que mais tarde se saberá.

DUL. Vamos, vamos adiante.

DEL. Mas tu, Dulau: torno a repetir-to, causas-me lastima... Muito envelheceste depois que te deixei!

DUL. Tenho mais um anno...

DEL. Esse chinó desfigura-te.

DUL. É o mesmo, com que sempre me viste.

DEL. Ah! Dulau, Dulau! muito envelheceste!

DUL. Tenho sessenta annos, tres mezes, e um dia; — quatorze mezes justamente mais do que tu.

DEL. Ora pois, Dulau! aposto que se tivesses uma mulher nova, formosa, um pouco tafula, e requebrada, pela sua parte, e pela tua, que lançasse ao fogo o teu chinó, e te decidisse a usar de pantalonaŝ justas, e a mandar fazer uma casaca nova, não parecerias amanhã ter mais de quarenta annos.

DUL. Sim, mas sempre saberia que tenho sessenta annos, tres mezes, e um dia.

DEL. Esquecel-o-hias ao menos alguma vez.

DUL. E se minha mulher m'o fizesse lembrar?...

DEL. Pois não acreditas tu, que

existão n'este mundo seres angelicos, creados para felicitar todas as épocas da nossa existencia? e que possam recomendar-nos com amor de esposas, e filhas os cuidados, que lhes prodigalisamos como esposos e Pais? que no verdor da mocidade se prestem a servir de amparo a um velho, a acompanhal-o até ás portas da morte... e a recolher o seu ultimo suspiro ao fugir da vida?... Julgar que a ventura, e o amor são sómente concedidos á mocidade, e que estes brilhantes sóes da alma só derramão sua luz consoladora sobre uma parte da vida do homem, é duvidar da bondade de Deos, Dulau, é blasfemar.

DUL. Una palavra, meu rico! Aterrão-me as expressões, que proferiste... Nem sou atheu, nem blasfemo, sou medroso.— Os entes, que me descreveste, são excepções da especie.

DEL. Assim será: mas não poderás tu encontrar uma excepção?

DUL. Meu amigo não tenho eu a fatuidade de acreditar que o ceo formára essas excepções para mim... Demais, tã, que assim pregas aos outros, porque não te casas segunda vez?

DEL. Bem poderia acontecer.

DUL. Ah!

DEL. Que dirias tu n'esse caso?

DUL. Que tens razão, se isso te faz conta.

DEL. Mas tu?...

DUL. Eu! cá ficarei solteiro.

DEL. Chiton!... que chega Amelia.

SCENA V.

Os precedentes e AMELIA, tomando o braço de seu Pai, e logo LAURA.

AMEL. Já acabei meu Papã.

DEL. Está tudo prompto?

AMEL. Tudo.

DEL. *(Abraça-a)* Agradecido, minha filha.

LAURA. *(Entra pela outra porta.)* Senhor Barão...

DEL. Que quereis?

LAUR. Dizeis-me os nomes, e o numero dos convidados?

DEL. Vem cá. *(Dá-lhe o outro braço.)*

Aqui tens a relação.

AMEL. Dezenove talheres.

LAUR. Fico certa.

DEL. Dá ordem para que se ponhão vinte: falta shi um nome.

LAUR. Como devem ser distribuidos os lugares?...

DEL. Eu no meio.

LAUR. Amelia defronte?

DEL. Não: Amelia cederá a presidencia á pessoa, cujo nome ali falta... Amelia assentar-se-ha á minha direita, tu á minha esquerda: — ficarei como agora estou no meio das minhas duas filhas... Ouvis?

AMEL. Sim, meu Papá.

LAUR. Então a pessoa, que occupa a cabeceira, é uma senhora.

DEL. É uma senhora. — Dar-lhe-has lugar entre Arthur e Dulau. — O resto dos convidados, accomoda-os á tua satisfação.

LAUR. Vou fazer cumprir as vossas ordens.

AMEL. Se é um jantar de cerimonia, meu Pai, será preciso ir-me vestir.

DEL. Nada, é um jantar de amigos. — Basta que ponhas uma flor na cabeça.

AMEL. Mas temos uma pessoa estranha, a senhora, que nos fica defronte.

DEL. E quem te disse, Amelia, que era uma pessoa estranha?

AMEL. Ah! é verdade... eu sou louca! — Laura, em acabando virás ao meu quarto: pentear-nos hemos ambas da mesma sorte (*sáem ambas pelas duas portas lateraes*).

UM ESCUDEIRO. (*Apparecendo no fundo*) Está alli um creado estrangeiro, que deseja fallar ao senhor Barão.

DEL. Sei quem é: faze-o entrar. — A ti, Dulau, se me é dado aconselhar-te, direi que mudes de vestuario, ao menos se não queres parecer o Avô de Amelia.

DEL. Teria eu n'esse caso um filho bem louco, meu rico Delaunay.

DEL. Póde ser... Mas convens nisto, não é assim?

DEL. Eu quero o que tu quizeres. (*Delaunay acompanha-o pela mão; e quando volta devisa Paulo em pé á porta do fundo.*)

SCENA VI.

DELAUNAY e PAULO.

DEL. És tu Paulo?...

PAULO. Venho mandado da senhora Theresa perguntar ao senhor Barão a que horas poderá ella vir.

DEL. Póde vir já. (*Toca uma campainha, e entra um escudeiro*) Que ponhão a carruagem prompta. (*O escudeiro sáe.*) Paulo, tu debes ir procural-a outra vez, e fazel-a conduzir aqui.

PAUL. Vou satisfazer-vos.

DEL. Diz-me: ella já tinha saído do toucador?

PAUL. Sim, meu senhor.

DEL. E estava bem vestida?

PAUL. (*Retirando-se*) Estava que parecia a MADONA D'ISCHIA.

DEL. Espera um pouco, Paulo: a carruagem ainda não está prompta. — Eu gostô de fallar comtigo a respeito de Theresa; porque deixaste a Italia para a acompanhar. — Só nós ambos em toda a França conhecemos o Thesouro, que eu possuuo... Dize me, Paulo, não é verdade que sou um homem ditoso?...

PAUL. (*Commovido profundamente*) Sim!...

DEL. E se ella tiver saudades de Napoles, do seu ceo azulado, de seu golfo, côr do ceo, tu has de ajudar-me a consolal-a, trazendo-lhe á lembrança tudo isto... não é assim, Paulo?

PAUL. (*Com amargura*) Eu?...

DEL. Neste paiz estranha tu és para tua ama alguma cousa mais que um creado; és um compatriota.

PAUL. Senhor Barão, quando ha tres annos deixei nas praias de *Ponzolet* o barco, que meu pai me havia legado juntamente com a liberdade, para servir como creado a senhora Theresa del Monte... sabia eu muito bem que d'então em diante ia occupar junto della um lugar inda abaixo do seu cão mimoso, o lugar de servo... Para ella pois sou um servo, e nada mais: ella manda-me, e eu obedeco... para os outros sou Paulo.

DEL. Diz-me, Paulo, esqueci-me eu alguma vez d'essas convenções, que á primeira vista me parecerão extraordinarias... mas que logo comprehendi ape-

nas Theresa me disse, que por occasião de um tremor de terra tu com o teu barco lhe tinhas provavelmente salvado a vida, e a de sua Mãe... dize-me, Paulo, esqueci-as eu alguma vez?... Aquelle, a quem devo a vida da minha Theresa, tem acaso a arguir-me de alguma palavra austera, de algum gesto offensivo?

PAUL. Não, senhor Barão: e por isso vos sou grato.

DEL. E se te lembrasses de ser aos nossos olhos alguma cousa mais do que um creado?...

PAUL. Nunca me lembrei de tal, senhor.

DEL. Quando me conheceres melhor, Paulo, espero que então não estabelece-rás entre mim, e tua ama differença de especie alguma... Até esse tempo terei todo o cuidado em que só della recebas ordens. — Ah! vem gente... silencio! porque nada disto inda aqui se sabe.

SCENA VII.

Os mesmos, e ARTHUR.

ARTHUR. *(Da porta, pondo o chapéo sobre uma cadeira, sem ver Paulo, e sem ser visto d'elle)* Senhor Barão, a carrua-gem está prompta.

DEL. Obrigado, meu amigo. — Pau-lo...

PAUL. Eu lá vou já!

(Arthur e Paulo encontram-se no lumiar da porta, e fição ambos estupefactos na presença um do outro.)

ARTH. Paulo!...

PAUL. Arthur!...

(Delauay volta-se: Paulo faz uma cor-tezia, e sáe.)

SCENA VIII.

(Os precedentes, AMELIA e LAURA, entrando ambas por uma das portas lateraes, logo DULAU, o GENERAL CLEMENTE, o BARAÓ DE SORBIN, VARIOS CONVIDADOS, e um ESCUDEIRO annunciando successivamente cada um que entra.)

AMEL. Dar-se-ha caso, que já nos queirais deixar, meu Pai?

DEL. Não, minha filha... E porque dizes isso?

AMEL. Vi a carruagem prompta...

DEL. Procura a Laura: eu aposto em como adivinhará para onde ella vai.

LAUR. Conduzir a pessoa desconhe-cida.

AMEL. O Papá! quem é essa pessoa?

DEL. E o cuidado que essa pessoa vos dá!... Todos, até o proprio Arthur, ficarão pensativos com o mysterio.

ART. *(Saindo da distracção, em que estava)* Eu!...

AMEL. Enganais-vos meu Pai; é uma cousa, que me inquieta o menós possível. — Arthur, que vos parece o meu pen-teado?

ART. Soffrível.

AMEL. O que estaes hoje de sem-sa-hor! Tive todo este trabalho para vos parecer bem; e a resposta é: «soffrível!» *(Vé Dulau, que entra)* Mais valéra vestir-me para Dulau.

DUL. *(A Delauay, mostrando-lhe seu novo traje)* Que me dizes agora?

DEL. Ah! isso sim! não pareces o mesmo!

DUL. Dou-te parte de que vi já entrar alguns dos teus convidados.

UM ESCUDEIRO. *(Da sala de espera)* O senhor General Clemente.

DEL. *(Indo para elle)* Meu antigo camarada! — Pelo que vejo tornasteis a entrar no serviço!

O GENERAL. Sim, meu amigo: e vós?

DEL. Eu, general?... Forão dema-siado injustos comigo para que eu me exponha a novas injusticias. — Aqui tendes minha filha: fazei-lhe os vossos cumprimentos.

O ESCUDEIRO. *(Annunciando)* O senhor Conselheiro Barão de Sorbin.

DEL. Sêde muito bem vindo, nosso protector! Agradeço-vos sobremaneira não vos terdes esquecido d'este moço.

O BARAÓ. Como esquecel-o!... Espero que façamos d'elle um dos nossos primeiros Diplomatas; e se elle tivesse querido deixar Paris, já estaria...

DEL. *(Interrompe-o)* Eu conheço as razões, que elle tem para não sair daqui.

O ESCUD. *(Annunciando successivamente muitas pessoas)* O senhor d'Arti-gues, o senhor Chabannes, etc. etc.

(O Barão vai successivamente para cada um dos convidados. — Sente-se de repente entrar uma carruagem no pateo.)

ARTH. (A' parte) Uma carruagem!...

DEL. (A' parte) Eil-a... Ah! ouso apenas olhar para minha filha... coitadinha! julgará ella que eu a estimo menos!... (Indo para ella) Amelia!...

AMEL. Então, meu Pai! que é o que tendes? treme-vos a mão!...

LAUR. (A Arthur, do outro lado do Theatro) Como estaes pálido, senhor Arthur!... Tendes alguma cousa?

ARTH. Eu!... nada...

DEL. Minha Amelia, se imaginas que a pessoa, a quem espero, póde prejudicar tua futura felicidade, perdoa a teu Pai não te haver consultado, perdoa...

AMEL. Jesus! mas quem é essa pessoa?

DEL. Vais sabel-o: ella está a chegar... ella vem! (Divisando Paulo á porta) Eil-a!

PAUL. (Annunciando) A senhora Baroneza Delaunay.

(Apparece Theresa. — Espanto geral.)

ARTH. É ella!

SCENA IX.

Os precedentes, e THERESA.

DEL. (Vai-lhe ao encontro e offerece-lhe a mão) Sim, meus amigos, aqui tendes minha esposa, a senhora Baroneza Delaunay, que tenho a honra de vos appresentar. — (A Theresa) Senhora, eis aqui minha filha, em quem tanto vos

tenho fallado: tomar-vos-hão muita vez por irmã sua.

THERESA. Não, senhor Barão, porque eu a tratarei com affecto de mãe, (Abraça Amelia, que interdicta não ousa levantar os olhos.)

DEL. (Conduz sua esposa a Dulau) Dulau, o meu mais estimado e antigo amigo.

THER. Espero, senhor, que tereis a bondade de não fazer distincção entre a esposa e o marido.

DUL. Seguramente, senhora, eu...

DEL. Dulau, é uma daquellas excepções, em que ha pouco te fallava. (Procura Arthur, que se occulta, e appresenta-o a Theresa.) Eis o meu futuro genro, querida Theresa, o Senhor Arthur de Savigny.

THER. (Não ousando levantar os olhos) Senhor...

ARTH. Senhora...

PAUL. (Da porta, notando a perturbação de sua ama, e de Arthur.) Senhor Barão, dá-se-vos parte de que está o jantar na mesa.

DEL. Meus amigos, offerecei o braço a estas Senhoras. — Arthur, minha esposa espera pelo vosso. (Dá o braço a uma senhora; o general offerece o seu a Amelia; o Conselheiro a Laura. — Arthur e Theresa hesitam um instante em face um do outro) Então!...

ARTH. (Offerece-lhe o braço) Theresa!..

THER. Arthur!...

(Os dois saem primeiro; segue-os o resto da sociedade; Paulo examina-os.)

PAUL. (Caindo sobre uma cadeira) Santa Maria! tende misericordia de mim!

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO.

(A mesma decoração.)

SCENA I.

DELAUNAY e THERESA, (saído do seu quarto.)

(Durante esta Scena deixa Theresa sair, sem reparar, um ramo, que trazia na mão.)

DEL. **T**Em paciencia, minha Theresa, com o trabalho, que vou dar-te; mas um viuvo, que se casa, deve brindar igualmente sua mulher, e sua filha; — e a quem podéra eu melhor que a ti encarregar estas compras?

THER. Ficai descansado, meu esposo; eu me encarrego de as fazer.

DEL. E se vos agradar algum desses chales, ou enfeites novos, comprai dous em vez de um, Theresa... percebeis?

THER. Como sões bondadoso! — E até que quantia posso eu despender na compra dos regalos, que destinaes a vossa filha?

DEL. Dizei: « a nossa filha »... nem te espante esta palavra; porque as pessoas, que te virem, saberão muito bem, que de Mãi não tens mais que o nome.

THER. Sim, mas eu não estou ainda habituada a isso... acostumar-me-hei com o tempo.

DEL. Agradecido. — Tu podes despender n'estas compras até doze mil francos: bem entendido, que os chales e enfeites, que te agradarem, não são comprehendidos nesta conta.

THER. Agora compete-me a mim tambem agradecer. — Farei por não abusar.

DEL. (Abraça-a) A Deos, querida filha; não te demores muito (Seguindo-a com os olhos na sala de espera.) A Deos.

(Quando volta devisa Dulau.)

SCENA II.

DELAUNAY e DULAU.

DEL. Ah! és tu, Dulau?

DUL. Em pessoa. — Muito bons dias.

DEL. Dormiste bem?

DUL. Essa é boa! O meu quarto lança para o páteo; não se ouve o mínimo estrôndo... Estou alli optimamente.

DEL. Meu pobre Dulau, vejo-me na necessidade de te fazer mudar de aposento.

DUL. Como assim?

DEL. Se minha filha casar, como espero, o quarto, que habitas, e que é nimiamente grande para ti...

DUL. Será muito proprio para os noivos.

DEL. Porém o aposento actual de Amelia...

DUL. É encantador.

DEL. E tu convirás em mudar para elle?

DUL. Seguramente.

DEL. É que lança para a rua, e logo de madrugada o barulho...

DUL. Oh! isso é-me indifferente.

DEL. És um excellente homem.

DUL. Não, Delaunay: sou solteiro; e um homem solteiro está bem em toda a parte.

DEL. Viste minha mulher esta manhã?

DUL. Inda não.

DEL. Continuas a dar-te bem com ella?

DUL. Porque não!? ella trata-me com tanta bondade!

DEL. Ora deves confessar que fiz bem em me tornar a casar.

DUL. Achás-te tu mais feliz do que quando estavas solteiro?

DEL. Mil vezes mais.

DUL. Então fizeste bem.

DEL. Uma só cousa me dá pena.

DUL. Qual é?

DEL. Vejo entre Amelia e Theresa certa frieza, que não sei a que attribuir. — Hontem ralhei com Amelia; e ella poz-se a chorar.

DUL. Oh! quando ellas se conhecerem melhor...

DEL. Tens razão. — Que tencionavas fazer esta manhã?

DUL. Dar um passeio ao *Boulevard*.

DEL. É porque desejava que me ajudasses a preparar as clausulas das escripturas de minha filha, e Arthur.

DUL. Conta comigo.

DEL. E o teu passeio?...

DUL. Dál-o-hei mais tarde.

DEL. Tu és o modelo dos amigos, Dulau! não somente fazes o que elles querem, mas, o que mais raro é, deixas-lhe fazer quanto elles desejão.

DUL. Meu caro Delaunay, a amizade é para a maior parte dos homens uma palavra, que disfarça a tyrannia, um meio de qualquer sujeitar os outros aos seus habitos e opiniões. Diz-se que ella vive de sacrificios, a amizade: eu não sou d'esse parecer: de que ella vive como todas as outras cousas santas é de liberdade. — Eu, Delaunay, tenho poucos amigos, mas quero-lhe bem por elles, e não por mim; se estou seis mezes sem ver alguma, digo comigo mesmo: tanto melhor; quando o tornar a ver abraçal-o-hei como que se voltasse de uma viagem; — e não me ponho mal com elle por semelhante motivo. Escandalisar-me-hia, sim, quando soubesse, que soffria algum pezar, e não mo vinha confessar, estando em meu poder dar-lhe allivio; o que me offenderia da sua parte não seria o esquecimento, mas a dúvida. — Vamos trabalhar, Delaunay.

DEL. Vem cá. (*A Paulo na sala de espera*.) Não fallo a ninguem, que me procurar, ouvis, Paulo?

SCENA III.

PAULO, (*só, corre a levantar do chão o ramo, que Theresa deixára cair.*)

Cuidei que ficavão aqui eternamente... — (*Pega no ramo e beija-o.*) Vinte vezes estiverão a ponto de o calcar. (*Beija-o outra vez; e ao voltar-se devisa Arthur.*) Arthur... sempre!

ARTH. (*Entrando.*) A senhora Baroneza Delaunay?...

PAUL. A senhora Baroneza não esté em casa.

ARTH. (*Olhando para elle*) Ella ordenou-vos que dissesseis isso, Paulo, ou é certo que não está em casa?

PAUL. A senhora Baroneza saio.

ARTH. Sósinha?

PAUL. Sósinha.

ARTH. O Barão?...

PAUL. Está no seu escriptorio.

ARTH. Amelia?...

PAUL. No seu quarto.

ARTH. Estamos sós?

PAUL. Acredito que sim.

ARTH. (*Olhando para elle.*) Vós dedicais-vos fielmente ao serviço de vossa ama, Paulo?

PAUL. Perguntai-lho.

ARTH. E sabeis guardar um segredo?

PAUL. (*Batendo no peito.*) Ha tres annos, que aqui tenho um escondido.

ARTH. Lembrais-vos da noite do terremoto, em que eu entrei com ella no vosso barco?

PAUL. Se a tivesse esquecido, não estaria agora aqui.

ARTH. Desde essa noite que amei a Theresa...

PAUL. Bem o sei.

ARTH. Fui amado por ella.

PAUL. (*A parte*) Desgraça!...

ARTH. (*Repetindo*) Fui amado por ella.

PAUL. Eu bem ouço, senhor!

ARTH. Pois bem! então... é mister que eu lhe falle.

PAUL. E se ella de proposito evita ha tres dias a vossa presença...

ARTH. É mister que eu lhe falle, digo-to eu.

PAUL. Quando?

ARTH. Hoje para partir amanhã.

SCENA V.

Os mesmos, e DELAUNAY.

DEL. (Do limiar da porta.) Então! Amelia...

AMEL. Meu Pai...

DEL. São onze horas, e ainda não vieste dar-me os bons dias, nem abraçar-me!...

(Faz signal a Paulo para que saia)

AMEL. Receio sempre incommodar a Senhora Baroneza.

DEL. Outra vez a Senhora Baroneza!.. Amelia, queres de novo affligir-me?

AMEL. Tal não é a minha intenção, meu Pai...

DEL. Porque não dizes Maman?

AMEL. Não posso.

DEL. Amelia, chama-se a isso ser teimosa!

AMEL. Ah! não, Papá, eu vol-o asseguro...

DEL. Custa-te acaso a pronunciar esse nome?

AMEL. Estava habituada a dal-o a outra.

DEL. E Deos sabe como eu ameí aquella, a quem o davas!

AMEL. Então, meu Pai, porque motivo...?

DEL. Reprehendes-me, Amelia!...

AMEL. Oh! não... mas quando morreo a minha pobre Mãe, não julgava eu que me fosse um dia preciso dar este nome a outra; e custa-me a habituar a isso.

DEL. Amelia! Tu estás a affligir-me!

AMEL. Ah, meu pai, se eu, tal suppozesse...

DEL. Escuta-me; e conversemos um instante. — (Sentão-se) Minha filha, eu nunca fui perfeitamente feliz.

AMEL. Oh! eu creio não ter tido culpa...

DEL. Não, pelo contrario; porque ia eu acrescentar que era a ti que devia os unicos instantes de ventura, que tenho experimentado.

AMEL. Agradecida!

DEL. Eu amava tua mãe... ardentemente...

AMEL. Coitadinha de minha mãe!...

DEL. Ora pois, Amelia, durante os dez annos que ella foi minha esposa as

PAUL. (Com satisfação) Vós partis?...
ARTH. Mal tenha acabado a minha entrevista.

PAUL. Escrevei.

ARTH. Para lh'a pedir?

PAUL. Sim.

ARTH. E a carta?...

PAUL. Eu lh'a entregarei.

ARTH. Meu amigo!...

PAUL. Oh! não me deis os agradecimentos.

ARTH. Quando entrará ella?

PAUL. Brevemente.

ARTH. E será entregue do meu bilhete?

PAUL. Apenas entrar.

ARTH. (Rasga uma folha da sua carteira.) Eu escrevo. (Lança algumas palavras sobre o papel)

PAUL. Dai-cá.

ARTH. A resposta?...

PAUL. Estará no vosso quarto cinco minutos depois de me ter sido entregue.

ARTH. Oh! tamanho fervor em servir-me!...

PAUL. (Rindo) Não vos é possível comprehender o motivo.

ARTH. Sinto rumor no quarto de Amelia... Não se faz mister que ella me veja... Adeos.

PAUL. (Fendo-o afastar-se) Insensato!...

SCENA IV.

PAULO, e AMELIA.

AMEL. (Entrando rapidamente) Paulo...

PAUL. Senhora?...

AMEL. Estaes sósinho?... Julgava Arthur convosco.

PAUL. Saio daqui n'este instante.

AMEL. Elle não perguntou por mim?

PAUL. Não senhora.

AMEL. Sabeis porque não entrou para me ver?

PAUL. (Olhando para a carta) Não sei...

AMEL. (Fazendo menção de entrar) Ha dous dias que apenas o vejo; e sempre distraido, preocupado... É celebre!

guerras contínuas do império, não me deixarão livres mais que seis mezes para estar com ella: era mister deixal-a a cada instante... deixal-a em lagrimas, porque poucos homens chegam ao fim do caminho sanguinolento, que abrimos aavez da Europa: longas e mortíferas erã as batalhas de Napoleão!... Elle caio... era eu coronel... Sua quéda interrompeo a minha carreira: eu não pude obter, exceptuando o meu grão, nenhuma dessas distincções, que inflammão de alegria o coração de um soldado: a mesma cruz só por elle me foi concedida em 1815. O novo governo prohibio-me de usar della, ao passo que a prostituia a outros... Restava-me tua mãe: ella ia consolar-me de todos estes pezares... ella morreu, Amelia!

AMEL. (*Chora*) Meu Pai! meu caro Pai!...

DEL. Então todo o meu amor se concentrou em ti. Ora pois, Amelia, quanto mais se amontoavão sobre a tua pessoa todas as minhas affeições paternaes, quanto mais te via crescer, e tornar-te formosa, tanto eu tremia considerando em os novos pezares, que traria consigo a nossa separação.

AMEL. A nossa separação!... nós separar-nos! nós, meu pai?... nunca!

DEL. Menina!... e Arthur?... e o teu casamento?...

AMEL. Oh! se eu casar com elle, é com a condição de nunca me tirar da companhia de meu Pai.

DEL. Tu não sabes, pobre filha, quanto te custaria a ti mesma um dia a cumprir essa condição, que hoje lhe impões! Tu conhecerás mais tarde a força, com que prendem o coração os affectos de esposa, e de mãe!... A natureza olha sempre para diante, Amelia, sem fazer caso dos que deixa atraz de si velhos e cansados. Supponhamos pois, que a profissão, que Arthur abraçou, o obrigava a ir para longe de Paris; tu o acompanharias; tu me deixarias, inda a despeito das minhas lagrimas, e sem que tivesse ao menos o direito de me queixar, porque tambem outr'ora deixei meu pai a despeito das suas... Eu ficaria então velho, e sózinho... Não tive animo para encarar esta situação. — Em Napoles, onde, como sabes, a necessidade de tratar dos

meus negocios me tinha conduzido, em Napoles encontrei um Anjo de amor e de pureza, que só a ti pude comparar, minha filha... Prometteu-me ella, não o seu amor... que não ousava exigir-lhe, mas aquelles affectuosos carinhos, que podem simultaneamente provir d'uma filha, ou de uma esposa. — Amelia, disse eu comigo, apreciará o seu espirito distincto, as suas excellentes qualidades, e será sua amiga; Theresa verá a minha Amelia, e ficará encantada da sua ingenuidade e candura. Em quanto se quizerem bem e estiverem comigo, serei completamente ditoso; quando uma dellas me deixar não soffrerei ao menos senão metade de uma desgraça.

AMEL. Ah! não sou eu a que vos deixarei!

DEL. Eis aqui o que eu pensei, minha filha; e se tratando da minha felicidade desconcertei alguma porção da tua, perdoa-me, perdoa a teu pai, que não podia tal prever.

AMEL. Perdoar-vos, meu pai!... Eu é que estou aos vossos pés; eu é que vos peço perdão de vos ter affligido... Mas a culpa talvez não seja só minha: a senhora Baroneza...

DEL. Continúas!

AMEL. Maman! maman!... enganei-me.

DEL. Amelia, tu és injusta: Theresa é tão boa como bella.

AMEL. Sim, papá, a maman é boa e bella, mas não é minha amiga.

DEL. E porque?

AMEL. Que eu?... Mas silencio!... é ella, que entra... papá, não lhe digaes uma palavra acerca d'isto... Olhai, talvez a culpa tenha sido minha... sim, sim, agora me lembro... ella teria vindo para mim se a minha frieza a não suspendesse... Eu vou pedir-lhe perdão na vossa presença.

DEL. Não, não: a minha presença conteria talvez os sentimentos d'ambas; farieis por complacencia, o que eu quero por convicção... Fica sózinha, minha filha; aguarda a minha esposa... tua mãe... sê tão affavel para ella como és para mim... Vem depressa annunciarme, que se não encontraste n'ella o que Deos não dá senão uma vez, como a vida, uma mãe, ao menos te trouxe eu.

uma boa e excellente amiga. — A Deos, minha filha: deixo-te para ir com Dulau occupar-me nos negocios teus, e de Arthur. — Terás cuidado de que não vão incommodar-nos.

AMEL. A Deos meu pai, ... Ficareis satisfeito comigo, ... sereis ditoso... A Deos!

SCENA VI.

AMELIA, e depois THERESA.

AMEL. (*sósinha.*) Ah! muito me custará a chamar a esta Italiana minha mãe! ... se eu desse crédito a pressentimentos, diria que d'ella me virá inda mal... Eil-a!

THER. (*A' parte*) Em toda a parte esta rapariga!

AMEL. (*A' parte, olhando para Theresa.*) E estranho! Parece que experimenta para comigo a mesma antipathia, que eu para com ella...

THER. (*A' parte*) Dentro em tres dias será sua esposa... a esposa de Arthur!... Ah!... (*Vai para entrar no quarto do Barão.*)

AMEL. (*A' parte*) Como! ella vai-se já... — (*Alto, suspendendo-a.*) Perdoai... meu Pai e Dulau estão agora occupados...

THER. A fazer o que?

AMEL. As nossas escripturas!

THER. (*Com amargura.*) Ah! sim... Não é amanhã, que se assignão?

AMEL. Assim o creio.

THER. (*A' parte, com um suspiro.*) As escripturas do casamento de Arthur!

AMEL. (*A' parte, muito baixo.*) Vanidos, é forcoso!... Maman...

THER. (*A' parte.*) Sua mãe!...

AMEL. Meu pai quer que nós conversemos...

THER. Pois fallai, senhora Amelia.

AMEL. (*Triste.*) Ah! se me chamaes senhora Amelia, não poderei eu chamar-vos maman...

THER. Mas quem vos obriga a chamar-me assim?

AMEL. O Papá é que o deseja...

THER. E custa vos?

AMEL. Eu não digo isso... mas...

THER. Mas que?...

AMEL. Sões tão nova, que vos chamaria antes minha irmã.

THER. Percebo: querer-me-hicis antes para irmã, que para mãe?...

AMEL. Oh! é verdade... porque então meu pai nos estimaria igualmente a ambas... em quanto que...

THER. Acabai...

AMEL. Em quanto que já receci, que elle vos quizesse mais do que a mim.

THER. Acreditava eu actualmente o vosso coração muito cheio de outro sentimento para poder conhecer... inda que assim fosse... que eu lhe tinha roubado alguma porção do affecto paternal.

AMEL. Ah! que sentimento pôde por ventura substituir a minima porção, que se perca no amor de um Pai?

THER. O que experimentaes para com o senhor Arthur, e elle para com vosco não seria uma compensação sufficiente?

AMEL. Oh! não senhora!... Isso é tão differente?

THER. Como é pois que o amaes?...

AMEL. A Arthur?

THER. Sim, a Arthur.

AMEL. Um pouco mais que a Laura, mas menos que a meu Pai.

THER. Menos?

AMEL. Sim.

THER. E chamaes a isso amar?...

AMEL. Escutai, maman. — (*Theresa aproxima-se.*) Eu ouvi fallar muito em amor no collegio; fazião-me d'elle mil pinturas differentes; dizião-me as commoções que trazia comigo... Quando Dulau me appresentou o senhor Arthur, confiando-me os projectos de meu Pai a seu respeito, disse eu para mim: ora vou finalmente conhecer o amor!... Então, cada vez que elle me deixava interrogava eu o meu coração em procura das novas sensações, que o amor deveria nelle produzir... Mas que! tudo era baldado: nada me denunciava a presença de semelhante amor. Habituei-me a ver Arthur; sinto prazer quando elle está comigo; acredito que fará a minha ventura, e eu a sua; desposal-o-hei satisfeita; porque sei que meu Pai muito o deseja, e ha longo tempo. — Eis aqui tudo o que eu experimento, maman... É isto o que se chama ter amor?

THER. (*A' parte, com alegria.*) Grande Deos!... — (*Alto, e apertando-lhe a mão.*) Sim, minha menina.

AMEL. Oh! Inda bem! Eu receava

tanto de não ter para com Arthur mais que amizade!

THER. Amelia, se ámanhã soubesses, que Arthur era vosso irmão, tornar-vos-hia isto desgraçada?

AMEL. Oh! não... Pelo contrario, porque então, percebeis mamã? o papá talvez me não casasse: e eu não recearia deixal-o.

THER. (*A' parte.*) Ella não lhe tem amor!... — (*Respirando.*) Ah!!

AMEL. Meu Deos! como eu vos julgava mal!... Oh! se eu ha pouco soubesse que ereis tão boa como sões, não teria men Pai necessidade de me ralhar para eu vos chamar mamã.

THER. (*Abracando-a.*) Minha filha, minha querida filha!...

AMEL. Ora vêde pois quão insensata eu era em ter receios e inquietações por similhante cousa!

THER. E já os não tendes, não é assim?

AMEL. Olhai, mamã, se eu agora desconfiasse, que o papá me não queria tanto, seria a vós que me queixaria; e vós lhe pediríeis para que me quizesse mais, não é verdade?

THER. (*Com abandono.*) Ah! quem haverá que não te queira bem, querida menina? Quem haverá que não te queira bem minha querida filha!

AMEL. Minha mãe!...

THER. Um abraço...

AMEL. (*Abraca-a.*) Oh! mamã! que ditosa, que sou!... quanto te quero!... que alegria será a de meu pai!... Ah! corro a dizer-lhe, que já nos tratamos por tu. (*Sae, saltando de satisfação.*)

SCENA VII.

THERESA, depois PAULO.

THER. Ella não ama Arthur!... ella não o ama!...

PAUL. (*Da porta.*) Senhora...

THER. Sões vós, Paulo?... Que temos?

PAUL. Uma carta.

THER. (*Abrindo-a.*) De quem?

PAUL. D'elle.

THER. (*do.*) Que vejo!...

PAUL. Elle parte.

THER. Quem t'o disse?

PAUL. Elle mesmo.

THER. Fallou-te no seu amor?...

PAUL. Em que querieis que elle me fallasse?

THER. Indiscreto!

PAUL. Desgraçado!...

THER. É logo verdade, que inda me ama?

PAUL. Como em Napoles.

THER. Fez-te confidencia d'isso?

PAUL. Renovou-m'a.

THER. É verdade: tinha-me esquecido, que tu estavas já em casa de minha mãe, quando se tratou do meu casamento com elle.

PAUL. Lembrava-me eu, senhora.

THER. E elle espera sem dúvida.

PAUL. Pela resposta.

THER. Incumbes-te de lha levar?

PAUL. Se assim o determinardes.

THER. Vai dizer-lhe que o aguardo.

(*Paulo inclina-se e sae.*)

SCENA VIII.

THERESA, só.

Sim, bem comprehendendo a causa da sua partida; quer desfazer o seu casamento... adora-me... adora-me ainda! — Que fatalidade me conduzio ao centro d'esta familia!... meu Deos!... e talvez para a desgraça de todos!... Elle parte!... Ah! não, não póde partir... é forçoso que despose essa menina; assim o quer seu Pai!... assim... assim o quero tambem eu... No meu casamento tenho já um obstaculo ao meu amor: que elle tenha tambem desposando-se um obstaculo ao seu... Será demasiadamente sagrado este laço para poder desfazer-se. — Sim, elle ficará: mil razões terei a dar-lhe para que fique... E a mais forte de todas, ó meu Deos! será por ventura aquella, que não ousarei confessar a mim mesmo?... É elle!...

SCENA VI.

THERESA, e ARTHUR.

ARTH. Tenho em fim a satisfação de vos tornar a vêr, senhora!...

THER. Acaso vos fugia eu?

ARTH. Assim o receava...

THER. Sem razão... Que motivo tenho eu para o fazer?

ARTH. Dizeis bem, senhora: quasi que me poderião chamar um homem fatuo, por imaginar similhante cousa.

THER. Não vos comprehendo...

ARTH. É que já não fallamos na mesma lingua.

THER. *(Depois de uma pausa)* Escrevesteis-me, senhor...

ARTH. E lesteis vós a minha carta?...

THER. Estaes na firme resolução de partir?

ARTH. Mais que nunca!

THER. Assim o vosso casamento?

ARTH. Será desfeito.

THER. Ousareis dizer ao senhor Barão?...

ARTH. Escrevo-lhe.

THER. Que razões lhe dareis?

ARTH. Que receio causar a desgraça de sua filha.

THER. Porque?

ARTH. Porque a não amo.

THER. Ha oito dias que amaveis...

ARTH. Assim o acreditava, ... porque não vos tinha tornado a vêr.

THER. Julgaes que se não possa causar a felicidade de uma mulher sem ter por ella uma paixão violenta?

ARTH. É ao menos forçoso, que se não tenha essa paixão por outra.

THER. E que julgaes, que dirá meu marido de similhante procedimento?

ARTH. Pouco me importa!

THER. Indagará os motivos...

ARTH. Confessar-lhos-hei. Demais, elle sabe já que um primeiro amor...

THER. *(Com vivacidade.)* E conhece o objecto d'elle?

ARTH. Ignora o seu nome.

THER. Sabe, pelo meos, em que terra...

ARTH. Disse-lhe que em Napoles...

THER. Muito bem... Desfeitas as suas mais caras esperanças, o Barão procu-

rá saber, que pessoa é essa, a quem vós amasteis, e a quem elle deverá aborrecer... Conhece Napoles; escreverá; e uma carta lhe pôde descobrir tudo... Saberá que essa mulher desconhecida, a quem amasteis, sou eu, ... eu, sua esposa!... Acreditaes, que elle imagine que um amor tão violento no vosso coração não tenha deixado vestigios no meu?... E então não só me lançará em rosto, e com justiça, o ter-lhe destruido na actualidade as suas esperanças de pai; mas inda a idéa de que posso ter experimentado uma paixão anterior, ... de que talvez a experimento ainda, ... lhe roubará no futuro a sua tranquillidade de esposo... Arthur ... e tudo isto por alguns sofrimentos, que o tempo, e o habito hão de mitigar!... Ah! sões bem egoista!

ARTH. Theresa, dizei antes bem desgraçado!

THER. E quereis tambem que eu o seja!!... Esqueceis por ventura, que partindo, nada tendes a temer pela vossa parte, mas que me deixaes aqui sózinha, a recear de tudo.

ARTH. Porém, que hei de fazer?

THER. Ficar, e desposar Amelia.

ARTH. Não me comprehendestes vós, Theresa? Não vos disse eu, que vos amava?... Desposar Amelia! Desposar essa innocente joven com outro amor no coração!... e que amor!... jurar-lhe na presença de seu pai e de Deos, que hei de amal-a, e mentir a Deos, e a seu Pai!... Ah! similhante procedimento seria horrivel, seria infame!... Mas não concebeis vós na idéa o que é amar?

THER. Arthur.

ARTH. Permitti-me pois que vos diga quanto soffro, que vos aterre com a pintura do que pôde vir a acontecer!... Mas, Theresa, acaso não sabeis vós que nunca vos amei tanto como vos amo neste momento?... Ah! se uma hora sómente experimentasseis o que ha tres dias se tem passado no meu coração!... Nem somno, nem descanzo; parece que tenho o sangue em um incendio, Theresa... Eu enloqueço!... eu morro!...

THER. Mas, ouvi-me.

ARTH. Quereis que não parta, e que despose Amelia!... E se vos obedecer não imaginaes quanto será infernal a

minha existencia passada na companhia de minha propria esposa, e sem poder amar essa esposa, na companhia da mulher d'outrem, e a morrer por essa mulher!... Morrer por ella!... e vel-a desposada com um velho!... e um velho a quem tenho de chamar Pai!... Encontrarmol-o a cada passo n'esta casa, que todos habitamos, e andarmos em um continuo constrangimento e dissimulação para lhe encobrir, Amelia as suas lagrimas, vós os vossos pezares, e eu a minha desesperação!... Oh! reflecti nisto, Theresa, e vêde se haverá para todos nós um instante de descanço, de ventura, de tranquillidade neste mundo.

THER. Ah, vós vêdes assim tudo isso, porque o vêdes em um momento de exaltação, porque acabo de chegar, e me encontrasteis inopinadamente... Eu mesma, se estou tranquilla, é porque de ha muito estava prevenida, sabendo que ia tornar a ver-vos, e que eris o esposo de Amelia!... Assim vos acontecerá, Arthur, quando dias, mezes, e um anno forem passados em mutua companhia... Ah! um dia conhecereis, crêde-me, Arthur, que a febre, que agora vos abrasa, não é duravel... Tornar-vos-heis meu amigo, e eu me tornarei vossa amiga... Chegados a este ponto... dizei... tudo quanto encaraes actualmente com terror, não será por ventura delicias?... O habitarmos assim debaixo do mesmo tecto, esta facilidade de nós vermos todas as horas do dia, de encerrar no circulo de nossa familia todas as nossas affeições e prazeres, de sermos para nós um mundo isolado no meio do mundo... dizei... se isto não é o que se chama ventura, aonde a iremos procurar?... E quando nos vemos nestas circunstancias, quando tocamos esta ventura tão rara, tão difficil de encontrar, o homem que a desdenha, que a repulsa... oh! dizei, Arthur! dizei... este homem acaso não é um insensato!

ARTH. Ah! sejião quaes forem meus receios, se por ventura não escutasse eu mais que a voz do coração, suppondes que não preferira arrojarme com os olhos fechados ao meio dessas desgraças, que temo, e caminhar como um cego no futuro?... Mas o futuro, mesmo esse futuro horrivel, que ha pouco descevi,

teria reflexos do ceo, momentos que causarião inveja aos Anjos; porque vos veria, Theresa!... Agora mesmo, agora mesmo, que padeço, que choro... Theresa, sou mais ditoso do que jámais tenho sido ha dous annos a esta parte... O amor no fundo de seus mais amargos pezares esconde sempre uma alegria... Partir!... Tornar a ver-vos, e deixar-vos!... Tornar a ver-vos mais bella, sentir-me mais apaixonado, e partir?... Nunca: bem sabia eu quando aqui vim, que não teria forças para tal... Theresa, eu não tenho forças senão para vos amar... abandono-me como um cego aos vossos desejos... pensarei com o vosso pensamento, obrarei com a vossa vontade... Aqui me tendes, ó meu Deos!... se alguma cousa ha, que possa fazer no vosso serviço, Theresa, disponde de mim, ordenai quanto quizerdes, excepto que me ausente.

THER. *(Pega-lhe na mão.)* Arthur, quanto vos fico agradecida!...

PAUL. *(Da porta.)* A senhora Laura. *(Theresa e Arthur affastão-se um do outro por um movimento espontaneo.)*

SCENA X.

Os mesmos, e LAURA.

LAUR. O senhor Barão, Amelia e Dulau aguardão por vós, senhor Arthur.

THER. Agradecida, senhora. — *(A Arthur.)* Recordai-vos da vossa promessa!

ARTH. *(Baixo.)* Acaso prometti eu?..

THER. Bem sabeis porque vol-o pergunto... Fazeis favor de me dar o braço, e de me acompanhar ao quarto de meu marido?

ARTH. Sim, senhora... Ah! Theresa, Theresa, que é o que nós vamos fazer!...

THER. A nossa commum felicidade!..

ARTH. Deos o queira!...

(Sáem ambos.)

SCENA XI.

PAULO e LAURA.

(*Sente-se tocar uma campainha no quarto do Barão. — Paulo entra no quarto: Laura segue-o com os olhos, mostrando muita curiosidade. — Elle são quasi immediatamente. Laura suspende-o no meio do Theatro.*)

LAUR. Onde vos mandão?...

PAUL. Mañdão-me chamar o Tabelião.

(*Laura fica estupefacta. — Paulo sáe olhando para ella.*)

LAURA. (*Vendo-os sair, e indo para Paulo.*) Senhor Paulo...

PAUL. Senhora?...

LAUR. (*Fictando os olhos n'elle.*) Eu aposto em como não terá lugar o casamento de Amelia com Arthur.

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO.

(A mesma decoração.)

SCENA I.

DULAU, dando o braço a Laura, que tem ao pé de si um creado com um mazzo de papeis, etc. etc. LAURA e DELAUNAY.

DELAUN. Não te offereço, Dulau, o meu *Cabriolet*, porque preciso d'elle; para conduzir, esta tarde, Amelia ao campo, para onde apenas nos levarás a dianteira d'alguns instantes.

DUL. Obrigado; ver-me-hia muito embaraçado para o guiar; além de que, elle não tem commodo para mais de duas pessoas.

LAUR. Para o guiar, servirá o creado, e vós poder-nos-heis seguir a cavallo.

DUL. Muito agradecido!... Gosto mais das cejas, onde se viaja, umas vezes depressa, outras aos saltos; mas, ao menos, não ha o perigo de cair, senão quando ellas tombão.

LAUR. E levar-nos-heis Amelia esta tarde?

DEL. Sem dúvida.

DUL. E a senhora Baroneza?...

DEL. Essa, não sei... Póde muito bem ser, que não vá ao campo, e que em vez d'essa, tenha de fazer uma jornada mais longa, em que terei de a acompanhar... Nesse caso, Dulau, contarei ainda comvosco.

DUL. Sempre. (*Deixa o braço de Laura, e dirige-se para Delaunay.*) Tu estás triste, Delaunay, tu suspiras. Espero não nos queiras encobrir alguma desgraça, que te haja acontecido.

DEL. Não, amigo, não; mas deves saber, que Theresa tem experimentado grande mudança, e que dá mostras de quem sofre.

DUL. Não ha dúvida.

DEL. Pois é isso justamente o que me

afflige. . . Eu quizera distrai-la. . . Em fim de tarde te contarei tudo. . . Não vês tu, que estamos causando a desesperação de Laura, por não poder adivinhar, sobre que estamos fallando.

DUL. Então até á tarde. — Adeos.

DEL. Esperai, que quero ter o gosto de vos acompanhar até ao fundo da esca-da. *(Sáem todos tres.)*

SCENA II.

THERESA, e PAULO.

(Theresa abrindo mansamente a porta do quarto, e vendo que elles se retirão, são de vagar, e vai pôr-se a escutar á porta do quarto de Arthur; depois dá um signal para a ante-camara, e Paulo apparece.)

PAUL. Senhora. . .

THER. Não saio ain-la pessoa alguma do quarto da senhora Savigny.

PAUL. Ninguem.

THER. *(Agitando um papel.)* Hontem me rogou o senhor Savigny lhe copiasse algumas arias do nosso paiz. — Eil-as aqui, inclusas nesta carta, que haveis de lhe entregar.

PAUL. *(Suspirando.)* Sim, senhora.

THER. *(Afastando-se immediatamente.)* Se vier o senhor Barão, e me procurar, dizei-lhe que estou no Jardim.

PAUL. O ar da Primavera está ainda tão frio, senhora!

THER. Assim mesmo preciso delle. — Sinto todo o rosto afogneado. *(Sáe.)*

SCENA III.

PAULO, e depois ARTHUR.

PAUL. *(Lendo.)* « Ao senhor Arthur de Savigny » Quanto elle é feliz!

(Entra Arthur mais pallido, que no segundo Acto: seguem-se os mesmas passos, que quando Theresa entra: elle olha para todos os lados.)

PAUL. Ella acaba de sair d'aqui.

ARTH. E aonde está? . . .

PAUL. No Jardim.

ARTH. Vou encontrar-me com ella.

PAUL. Uma carta. . .!

ARTH. Para miim?

PAUL. D'ella.

ARTH. Ah! dai-ma! . . . *(assentando-se)* Oh! sim, ella ainda me tem amor; ajuda-me adora, ama-me com o mesmo extremo, que antigamente *(Beija a carta, e depois abre-a e lê.)* Ella me recorda nossos juramentos, nossos laços. . . Oh! Foi ella a auctora delles.

PAUL. *(Anunciando.)* O senhor Barão.

ARTH. *(Escondendo a carta)* O Barão! . . . A que estado estou reduzido, que o não posso ver, com o intervallo de uma hora, sem tremer de que elle neste espaço tenha extorquido o meu segredo! . . . Oh! meu Deos, meu Deos, que supplicio! . . . Oh! quanto me mortificação as suas cans! . . . Elle vem triste. . . *(Levantando-se arrebatadamente)* Estará elle informado?

(Arthur torna a sentar-se, caindo sobre a cadeira; limpa o rosto, como quem está afflicto, não se atrevendo a olhar para o lado, donde vem Delaunay. — Este encaminhando-se para elle lhe estende a mão.)

SCENA IV.

ARTHUR e DELAUNAY.

DEL. Bons dias, Arthur.

ARTH. *(A' parte, e com alegria.)* Por ora não ha novidade! . . .

DEL. Como passa Amelia?

ARTH. Bem, meu pai.

DEL. *(Com ar de tristeza.)* Muito o estimo! — Ella estará prompta para partir esta tarde para o campo?

ARTH. Creio que sim.

DEL. Aonde está ella?

ARTH. No seu quarto, senhor. *(Com vivacidade.)* Quereis que a chame?

DEL. Não; folgo bem de poder conversar comtigo, um instante.

ARTH. *(Inquieto.)* Comigo? . . .

DEL. Não és tu o meu filho, o meu melhor amigo? . . .

ARTH. Mas sobre que objecto quereis vós fallar-me.

DEL. Dos meus pezares, Arthur?

ARTH. *(Estremecendo.)* Tendel-os vós por ventura?

DEL. Eis ahí a pergunta de um homem feliz!

ARTH. E esses pezares... quem os causa?

DEL. Acaso não tens tu notado a tristeza, e a pallidez de Theresa?

ARTH. Tenho.

DEL. Pódes tu adivinhar a causa de taes effectos?

ARTH. Não procurei ainda informarme della.

DEL. Dize-me, Arthur, poderias tu viver longe da França, e familiarisar-te com a idéa de nunca mais a tornar a ver.

ARTH. Oh! Por certo não.

DEL. Pois bem; toda a molestia de Theresa tem a sua origem no que acabas de dizer; são as saudades de Napoles, que a atormentão!...

ARTH. Se ella lá não tem parentes...

DEL. Mas os seus tumulos, Arthur!. Ha naquello céo, que virão nossos olhos, ao abrirem-se pela vez primeira, naquelle ar, que servio á nossa respiração, quando eramos ainda de poucos annos, livres e alegres; ha em fim no paiz natalicio um tal encanto, que nada é capaz de substituir!... É a falta de tudo isto; meu amigo, o que Theresa lamenta.

ARTH. (*Adoptando com enthusiasmo a lembrança.*) Oh! sim, sim; não ha duvida!... é a isso, é a isso, que se deve attribuir a sua tristeza, a sua preocupação; a isso, meu pai, e a nenhuma outra cousa... tendes razão.

DEL. Tudo isto m'oculta ella com receio de affligir-me; teme aquelle anjo de doçura obrigar-me a sofrer as mesmas privações, com que ella presentemente está luctando, sem a coragem necessaria para as supportar: — mas eu não serei menos generoso do que ella.

ARTH. (*Antevendo o intento do Barão.*) Nesse caso, que fareis?...

DEL. Partirei amanhã com ella para Napoles.

ARTH. Vós!... pois vós haveis de partir!... Fallais sério?

DEL. Fallo.

ARTH. Bem sabeis que uma tal viagem exige disposições prévias.

DEL. Já estão feitas.

ARTH. E sabe ella isso, ella?...

(*Corrigindo a expressão.*) A senhora Baroneza.

DEL. Ainda não.

ARTH. E Amelia?

DEL. Reservo só para os ultimos momentos o informal-a das minhas tenções, porque receio não poder resistir ás suas supplicas e lagrimas.

ARTH. Ah! sim, porque as suas supplicas, e as suas lagrimas talvez tivessem o poder de vos fazer mudar de resolução, não é assim?

DEL. Talvez!... Ai de mim! quem na minha idade abandona filhos, e patria, por breve que seja a ausencia, expõe-se muito a não tornar a ver tão caros objectos.

ARTH. (*A' parte.*) É necessario fazer com que elle não parta.

DEL. Na minha ausencia, Arthur, eu te recommendo Amelia... tens cuidados servirão de consol-a; amada por ti, eu a considerarei feliz, porque a sua felicidade consiste no seu amor: — mas lá vem Theresa, deixa-me só com ella.

ARTH. (*Passa por diante de Theresa, e saudando-a lhe diz em voz baixa, e com forca.*) Lembra-te do amor, que me tens! (*Sae.*)

THER. (*A' parte.*) Que quereirá elle dizer com isto?

SCENA V.

DELAUNAY, e THERESA.

DEL. Vem cá, minha Theresa.

THER. (*Tudo para elle.*) Aqui me tens, meu esposo.

DEL. Aonde estiveste de manhã?

THER. No jardim.

DEL. Sem platina, sem chaile, por um ar tão frio!...

THER. (*Dando-lhe a mão.*) Ora vê!...

DEL. A tua mão escalda!...

THER. (*Com um sorriso de tristeza.*) É verdade.

DEL. Olha para mim, Theresa.

THER. Para que?

DEL. Vê como o orvalho da manhã está esparzido pelos teus cabellos.

Ther. O estado do meu rosto é tal, que bem precisa disto.

Del. Como estão tristes, e languidos os teus olhos! Como estão pallidas as tuas faces!... Não provirá isto, minha bella Theresa, de que este horizonte nublado fatiga os teus olhos, de que este sol, mais frio do que o da Italia faz murchar a tua tez, de que finalmente o teu peito se não dá bem, respirando o ar da França?

Ther. *(Com um ar de melancolia, proprio de recordações saudosas.)* Oh! sim, sim, é isso, ... talvez... sim, meu céo azul, ... meu sol ardente... meu golfo de Nápoles, onde á noite parecem cair as estrellas como perolas... Ah! se eu podéra tornar a vér todos estes objectos, como os víá, ha tres annos; e experimentar á vista d'elles as mesmas sensações, que já experimentei; quanto eu seria feliz...

Del. Feliz! dizes tu... Pois bem, minha Theresa, Nápoles, os laranjaes de Sorrente, que aromatisão aquella atmosfera, o berço da tua mocidade, os tumulos de teus parentes, tudo, tudo isto posso restituir-te... e tudo te restituo.

Ther. Vós!... e como?

Del. Partindo, amanhã, para Nápoles.

Ther. É impossivel.

Del. Porque?

Ther. Porque vós não podereis abandonar assim vossa patria, vossa casa, vossa familia...

Del. Por ventura não abandonaste tu todos esses objectos, para me acompanhar.

Ther. Mas eu...

Del. Mas tu... sim tu eras joven, restavão-te ainda a viver no teu paiz muitos e alegres annos. Não serei eu capaz de fazer o mesmo por ti, eu, já velho, e ás bordas da sepultura?

Ther. Meu esposo!...

Del. Não, Theresa, aquelle que menor perda soffre é quem deve ceder. Suppondo mesmo que eu chegue a preencher o termo ordinario de vida, que a Providencia marcou aos homens, não me restão de existencia mais de oito ou dez annos: quererei eu que tu aguardes oito ou dez annos, para só no fim delles

ser livre e feliz?... E no caso d'eu viver mais, ou no caso mesmo de se aggravar successivamente o incommodo, que soffres neste paiz, desejas tu que eu mereça a tua maldição, por continuar a viver?

Ther. Oh! Delaunay!...

Del. Eu abandono por ti, dizes tu, patria, familia... A minha patria não carece dos meus serviços; cumpre agora defendel-a aos que estão no verdor dos annos; pela minha parte já me desonerei para com ella d'esse tributo... Minha familia consiste n'uma filha unica, e essa já casada com pessoa da sua escolha, e por um tal motivo feliz. — Está pois cumprido o meu destino n'este mundo; e Deos, quando lhe aprouver, póde enviar-me a morte, que eu já não terei o direito de lhe dizer: = espera! = tudo quanto ao homem cumpre fazer, o fiz eu já: — mas, com tudo isto, a Providencia determina, que eu viva, e que viva feliz, pois que me concede á companhia daquella, cuja posse, e cujo amor só podia completar a minha ventura. Este amor já eu o alcancei, não é assim? Amor, mas amor de filha... porque nem eu reclamo outro.

Ther. *(Commovida.)* Oh! sim... sim!

Del. Bem. — Graças a Deos, e a ti! porque são estas as duas fontes, donde me provierão maiores bens do que eu tinha razão d'esperar; exigir mais, seria ingratitude. — Commetti uma injustiça em te fazer abandonar Nápoles; devêra lembrar-me de que, seguindo-me, não fazias mais do que obedecer a teu pai, que queria vér-te nobre; e que por uma tal obediencia sacrificaste a tua felicidade ao amor filial... Muito bem!... Quando te lembrares, de que te restitui todos os objectos, que estimavas, poderás talvez esquecer-te de que fóra eu quem, n'um instante, t'os havia roubado... Vamos, que tens tu?

Ther. *(Chorando.)* Oh! vós sões o melhor, o mais generoso dos homens!... tendes razão, faz-se mister que eu parta!

Del. Já vês, minha filha, que adevinhei á risca os teus pensamentos.

Ther. Sim... sim! Quando havemos nós de partir?

Del. Quando quizeres.

Ther. O mais cedo possivel!

DEL. A'manhã.

THER. A'manhã?... estarei pronta.

DEL. Sim... sim... E se depois de chegarmos á tua patria, quando percorreremos ambos o teu bello paiz natalicio, m'escapar um suspiro, lembrando-me da França... então do rochedo de *Capri*, ou da ponte de *Maniscole*, tu me dirás, apontando para a cidade, que surge do seu golfo, como um açafate de flores: vés tu lá em baixo aquella cidade? é *Napoles*... *Napoles*, longe da qual eu de certo morreria... *Napoles*, que eu não contava jámais tornar a vér, mas que encontrei com novas delicias. — Tu me has de dizer tudo isto, não é assim? e ao som da tua voz, e em presença da tua felicidade, esquecer-me-hei da França; esquecer-me-hei de... esquecer-me-hei de tudo, para beijar tuas mãos, teus joelhos, e dizer-te: Oh! minha *Theresa*, por maiores excessos, que eu tenha praticado por ti... oh! tu, tu, amando-me, os praticaste ainda maiores.

THER. Meu esposo, eu vol-o supplico... Ah! deixai-me, deixai-me só... tenho necessidade de chorar...

DEL. Oh! sim, sim, chora d'allegria... são essas as lagrimas, que muito m'apraz vér-te derramar! Até logo: vou dar as ordens necessarias. Desejaria aproveitar o tempo, que hoje me resta, para fazer entrar *Arthur*, e *Amelia* na posse do campo, aonde nós, em sua companhia, haviamos de passar o verão. Tu esperarás aqui; esta pequena viagem te fatigaria inutilmente. Poupa as tuas forças, que bem necessidade terás d'ellas. A'manhã já aqui estarei de volta, e desembaraçado de todas as despedidas, a cujo espectáculo te quero poupar. (*Toca a campainha, e apparece um criado*) Põe o cavallo ao *Cabriolet*. (*São o creado*.)

THER. Porque não ides antes na sege?

DEL. Reservo-a para a nossa viagem. — Eu, e *Amelia* iremos no *Cabriolet*, *Arthur* acompanhar-nos-ha a cavallo, e d'esse mesmo me servirei amanhã, quando voltar: — vés, minha bella *Theresa*, como tudo está arranjado... ora alegre-te para me lembrar do teu sorriso, quando me despedir de minha filha. (*Abraça-a, e vá.*)

SCENA VI.

THERESA só, e caindo sobre uma cadeira.

Ah!... ah! meu Deos! quanto isto seria horroroso!... mas partir... sim, eu reconheço, que é uma necessidade; longe de *Arthur* poderei continuar a amal-o; sem receio de me vér criminosa, ao passo que junto d'elle o amor, que hoje lhe tenho, póde amanhã degenerar em remorso... Oh! lembremos deste velho, tão bom, que me chama sua filha, que me confiou o resto dos seus dias, e que me escolheu para instrumento da sua felicidade... Se deixo *Arthur* no momento, em que me adóra, não farei com a minha ausencia, que se desvança o seu amor; não é sua mulher, não é a indifferente *Amelia*, quem será capaz de lhe riscar da idéa a minha lembrança... ella que só sabe amal-o alguma cousa mais do que a *Laura*... alguma cousa menos do que a seu pai?...

SCENA VII.

AMELIA e THERESA.

AMEL. Eu julgava que meu pai estava convosco, mamãe...

THER. Já daqui saio.

AMEL. Oh! meu Deos!... preciso em todo o caso de lhe fallar... sabes tu, mamãe, o que elle decidio?... partir, abandonar-nos, voltar para *Napoles*.

THER. Sim, minha filha, essa é a sua tenção; mas quem te communicou essa noticia, que teu pai tanto te queria encobrir?

AMEL. *Arthur*.

THER. *Arthur*!...

AMEL. E fiz-lhe uma solemne promessa d'empregar toda a minha influencia para demorar a partida de meu pai.

THER. Foi elle quem t'enviou, e encartegou d'impedir esta viagem?

AMEL. E o mais é que a hei de impedir.

THER. Pobre menina!...

AMEL. Também prometti a Arthur, que haveis de unir-vos comigo, para pedirmos a meu pai, que não parta... e estou certa de que o haveis de fazer, não é assim mamam?... n'esse caso seremos duas contra o Papá... Duas mulheres são por certo bem poderosas. Trataremos ambas de mover o seu coração, cada uma por seu lado; e elle não terá outro remedio senão ceder.

THER. Duvído, Amelia, de que as nossas súplicas obtenhão resultado algum de meu marido... Demais eu sou a primeira a reconhecer, que uma tal partida é necessaria...

AMEL. Oh!... Maman!...

THER. Poderemos contudo tomar um melhor accordo...

AMEL. Vejamos qual é!

THER. Ha um meio de conciliar tudo.

AMEL. Oh! por quem sões, dizei-o depressa, mamam!

THER. A viagem pôde fazer-se, sem que abandones teu pai.

AMEL. Não sei como isso possa ser...

THER. Partindo connosco, minha filha!...

AMEL. E Arthur?...

THER. Esse ficará em Paris, d'onde actualmente não pôde sair, salvo se quizer renunciar a seus projectos.

AMEL. Porém, minha mamam, o que eu não queria, era separar-me d'Arthur, eu...

THER. (*Admírada.*) Como assim...

AMEL. Separar-me, não, oh! certamente não!

THER. Porém, minha filha, é necessario determinar-te a abandonar ou teu pai, ou teu marido.

AMEL. Sim, tendes razão... Nesse caso, mamam, ficarei com Arthur.

THER. Amelia!... não me declaraste tu já, que o amavas menos do que a teu pai?

AMEL. É verdade; mas foi antes do meu casamento.

THER. E depois do teu casamento?...

AMEL. (*Com um ar mysterioso.*) Escutai... não o digaes a meu pai, para evitar a mortificação, que d'ahi lhe poderia provir... mas entrou no meu coração um sentimento novo, ... amo cada vez

mais o meu Arthur, ... e não posso separar-me d'elle...

THER. Menina!... Mas teu pai, teu pai!... amal-o tu já menos?

AMEL. Não, mamam, não amo menos a meu Pai, mas amo mais a Arthur.

THER. Tu o amas?...

AMEL. Ah! mais do que podes imaginar!

THER. E elle!... elle!...

AMEL. Oh! elle... (*suspira.*)

THER. (*Com alegria.*) Dize, dize!

AMEL. Elle ama-me muito na verdade... se bem que muitas vezes me parece andar distraído, e preocupado... mas eu sei a causa d'isso.

THER. Tu sabel-a?

AMEL. Sim... Quando eu me recordo do tempo passado, quando me lembro da indifferença, com que o tratava, admiro-me bem de que elle tenha continuado a amar-me tão extremamente, como o tem feito... Ah! se eu podesse voltar a esse tempo da minha indifferença, que tanto receio que ainda alguma vez seja presente á sua lembrança! Ah! mas eu lhe prodigalizo mil caricias para lho fazer riscar da idéa... O futuro está por minha conta; conheço que cada vez o hei de amar mais... E é agora, mamam, que me vindes propôr que o deixe? que deixe o meu Arthur?... Oh! não, não!... Farei tudo quanto poder para com meu pai; supplicar-lhe hei que fique connosco; mas, se a despeito das minhas súplicas, e das minhas lagrimas, elle partir, pela minha parte, mamam, ficarei com Arthur.

THER. (*A' parte.*) Ella tem-lhe amor... Desgraçada de mim!... ella quer-lhe bem... e eu parto!...

AMEL. Vem gente... se fosse meu pai!... Maman! mamam! é o meu Arthur!... Eil-o! Vêde, mamam, como está pallido!... como tem ar de quem sofre!... Meu Arthur!...

SCENA VIII.

Os precedentes, e ARTHUR.

ARTH. E então?...

AMEL. Não vi ainda meu pai.

ARTH. Pois aonde está elle?

AMEL. Saio a dar algumas ordens, porém, como para entrar no seu quarto tem de passar pela sala do jantar, para lá vou esperal-o, e farei por impedir esta jornada, que causaria a desventura de todos... Da-me um abraço, Arthur, que eu vou encontral-o.

(Arthur a abraça.)

THER. *(Vendo-os abraçados.)* Meu Deos, tende piedade de mim!

(Amelia sae.)

SCENA IX.

THERESA e ARTHUR.

ARTH. Estamos finalmente sós!...

THER. *(A' parte.)* Ella querer-lhe bem!...

ARTH. Oh! escutai-me, Theresa; não ha tempo, que perder.

THER. Que me quereis vós?

ARTH. Acaso já o Barão vos fallou da sua indiscreta jornada?

THER. Já.

ARTH. E vós consentisteis nella?

THER. Dei-lhe a minha approvação.

ARTH. *(Em tom áspero.)* Muito bem!

THER. Que quereis pois vós que eu fizesse?

ARTH. Não vos sobravão mil pretextos para ficar?

THER. Ficar!... para que?... ficar!...

ARTH. E ainda mo perguntaes!...

THER. Amelia fica, ella!...

ARTH. Por ventura estamos aqui para nos agastarmos, senhora? visto ser por vosso motivo, que elle quer partir, visto ser a vossa saude, o que lhe dá cuidado, não podieis vós tranquilisal-o?

THER. Olhai para mim, Arthur, vede a minha pallidez; tocai nas minhas mãos, vereis que a febre as abraça... Por ventura posso eu mandar á pallidez, que desapareça, á febre, que acabe?...

Não attribuinto d'ora em diante, estes affectos á saudade da minha patria, poderia eu dizer ao Barão, que esta pallidez, que este desassocego são devidos á vossa presença, ao desgraçado amor, com que me perseguis?... Não: não é assim?... Vós conheeis muito bem que é necessario, que vos deixe; que somente longe de vós poderei ser feliz.

ARTH. E eu, Theresa, e eu, a quem vós assim abandonaes, não devia ser tido em alguma conta na vossa decisão? Fallaes-me da vossa pallidez, da vossa agitação!... acaso o meu rosto está risinho, como antigamente? o meu coração palpita como o d'um homem socegado? Ah! quando eu queria desfazer este casamento, quando eu previa os tormentos, que ora m'opprimem, porque não não deixasteis vós então partir? Nessa época tinha eu forças para me separar de vós; agora já ellas todas forão consummadas com a vossa continuada presença. Vós me demorasteis, demorasteis-me, máo grado meu. Fizesteis-me a promessa d'um porvir feliz; e tranquillo *(Rindo sardonicamente.)* Oh! não estamos nós agora muito tranquillós, Theresa? Não somos nós felizes? Não cumpristeis vós cabalmente a vossa promessa?

THER. Arthur? Arthur! Vede que me mortificaes muito?

ARTH. Vós poderieis ter disposto da minha vida, poderieis ter ordenado; e em tudo vos obedeceria... Fizesteis-me desgraçado, e abandonar-me-heis neste estado!... Ah! isto de certo não fareis vós, Theresa. Só uma mulher leviana o praticaria, e vós não o soes... Lembrai-vos de que a vossa presença me é tão necessaria como o ar, que respiro... Familiarizei-me com a vossa companhia; e agora ella é a minha vida: — ella n'è e absolutamente necessaria, Theresa!... Vós não haveis de querer, que eu morra, não é assim? que morra n'um estado de desesperação, e blasfemando contra a Providencia... Pois bem; então ficai, ficai, eu vol-o supplico!... Theresa, meu amor, minha vida, meu anjo!...

(Arthur cae de joelhos.)

THER. *(Cobrinho o rosto com as mãos.)* Meu Deos! meu Deos!...

ARTH. Então, não me respondeis?...

THEA. Que! não respondi eu já a tudo no dia, em que confessei, que vos amava?...

ARTH. *(Com ironia, levantando-se.)* Sim, vós amaes-me, mas com um amor, que não vos incommoda, que vos permite o ausentar-vos, e que vos faz olhar esta ausencia, como um meio de recuperar a vossa frescura, a vossa belleza, como um meio de ir procurar a felicidade, que havieis perdido... Ah! vós chamaes a isto amor... vós, Italianas, vós!... É crível, que o sol da França tenha já esfriado a um tal ponto o sangue, que gira nas vossas veias? Ah! Theresa, vós não me tendes amor; digo mais, vós nunca m'o tivestes!

THEA. Ah! enganaes-vos, Arthur; essas paixões d'uma Italiana, amor, e ciúme, ambas as tenho eu... Deste sangue, que se gelou, segundo vós dizeis, oh! eu daria metade, neste momento, para poder passar a minha vida convosco, sem crime, nem remorso!

ARTH. Pois bem! então, Theresa, minha Theresa!...

THEA. Eu não vos amo, desgraçado... Ah! horrificar-me-hia este amor, se não fosse tão violento? Acreditaes vós, que eu não tenha empregado todos os meios de o combater... razão, orações...? Eu sou a que te não amo, Arthur... e vejo-me obrigada a fugir da tua presença, para resistir a este amor! Oh! deixai-me esta unica via de salvação, ou perder-me-hei, e te perderei comigo!

ARTH. Pouco m'importa, Theresa!.. contigo o inferno, a morte!... contigo, ouves tu... mas contigo...

THEA. Oh! piedade!... misericórdia!...

ARTH. Tu não partirás, dize... Oh! não! não!...

THEA. Arthur!... *(apartando-se com energia)* o Barão!...

SCENA X.

Os precedentes, DELAUNAY e AMEL.

AMEL. *(Encostada ao braço de seu pai.)* Ah! meu pai!... meu bom pai!... não nos abandoneis, eu t'o supplico!

DEL. Minha filha, Theresa é a unica

pessoa, que poderia fazer-me mudar de resolução!

ARTH. *(A meia voz.)* Ouvisteis, senhora!...

AMEL. Oh! mamam, eu t'o rogo!...

ARTH. *(A meia voz.)* Theresa, vós não tendes mais que uma palavra... metade de uma palavra a proferir a este respeito... *(Theresa guarda silencio.)* Proferi-a pois!

DEL. Nós havemos de voltar... ainda, antes d'eu morrer-me haveis de tornar a vêr, meus filhos...

AMEL. *(Lançando-se nos braços de seu pai.)* Meu pai!... meu pai!...

ARTH. *(Em voz baixa.)* Pela ultima vez, Theresa...

(Theresa hesita. — Paulo apparece á porta do fundo.)

PAUL. O Cabriolet para o senhor Barão, e o cavallo para o senhor Arthur, estão promptos.

DEL. Avia-te, minha filha, despede-te de tua mãe.

AMEL. É pois forçoso!... meu Deus... Adeos mamam, adeos... Restitui-nos, meu pai.

DEL. *(a Amel.)* Consola-te, minha menina, minha cara filha!..

AMEL. *(Soluçando.)* Nunca! nunca!..

THEA. *(A' parte.)* Ella quer-lhe bem!...

ARTH. *(Junto a Theresa.)* Senhora!..

THEA. *(Em voz baixa, e com a maior expressão.)* Volta!... Partir... morrer... mas antes d'isso quero ainda vêr-te!...

(Ella entra arrebatadamente no seu quarto. Arthur fica no seu lugar, dando mostras da maior alegria.)

ARTH. *(A' parte.)* Será isto por ventura um sonho!

DEL. *(A' parte.)* Ella receia não poder resistir ás lagrimas de minha filha. *(Em voz alta.)* Paulo, dizei á senhora Baroneza, que amanhã aqui estarei de volta, e que partiremos n'essa mesma tarde. Escuso de dizer-vos, que nos haveis de acompanhar. — Vamos, meus filhos!..

AMEL. Arthur!...

ARTH. *(Como acordando.)* Sim!... sim! partamos, que se faz tarde.

(Saem todos tres.)

SCENA XI.

PAULO (Só.)

Partir!... Oh! quão agradavelmente são estas palavras ao meu ouvido!... Partir para a Italia!... tornar a vêr Napoles, e tornar'a vel-o em companhia da senhora Theresa!... Napoles, aonde não supportarei diariamente a presença deste Arthur, que aborreço, deste Arthur, que deixo aqui n'um estado mais desgraçado do que o meu, porque não tornará mais a vêr a nobre Theresa, que eu verei, a toda a hora, eu... oh! não é este o caso, em que tu, Arthur, trocarias de bom grado tua rica, e elevada condição pela d'um pobre e humilde pescador de Napoles? O' golfo estimado de Ischia, cujas vagas servirão para embalar-me no batel de meu pai, durante a minha infancia!... O' puro ceo da minha patria!... esta noite sonharei contigo, sim, esta noite, em que eu hei de dormir, e ninguém ha de vir perturbar os meus sonhos... Theresa... Theresa fica só, uma noite... só!? Respira Paulo... Paulo sê ditoso!... (Levantando-se de repente) Que barulho é este?—(Olhando para a janella.) Arthur!... Arthur, que volta só... Oh! que motivo o conduzirá?... Elle parte sem dúvida segunda vez, ... não ficará aqui... elle não pôde cá ficar (A um creado, que entra com duas luzes.) Aonde ideis vós?

CREADO. Preparar o quarto do senhor Arthur.

PAUL. O senhor Arthur não passa cá a noite.

CREAD. Passa: o cavallo, em que elle ia, teve um desmancho, e como o *Cabriolet* do senhor Barão não pôde accommodar mais de duas pessoas, o senhor Arthur vio-se na necessidade de voltar para traz.

(Elle entra no quarto d'Arthur.)

PAUL. (Caindo sobre uma cadeira.) Maldito!...

SCENA XII.

ARTHUR, e PAULO.

ARTH. Paulo...

PAUL. (Levantando-se.) Senhor...

ARTH. Que fazes tu aqui?

PAUL. (Que por um movimento involuntario tirou o punhal.) Eu esperava as ordens de minha ama; no caso d'algumas ter para me dar.

ARTH. (Procurando vêr o que elle tem na mão.) E em quanto esperavas...

PAUL. Brincava com este punhal.

ARTH. É a arma do teu paiz.

PAUL. É é mortifera!...

ARTH. (Depois de uma pausa.) A Baroneza...

PAUL. Fechou-se no seu quarto.

ARTH. (Entrando para o seu.) Está bem.— Pódes retirar-te.

(Paulo inclina-se.)

O CREAD. (Saindo do quarto d'Arthur.) Quereis vir?...

PAUL. D'aqui mais a um instante.

CREAD. Boas noites.

PAUL. Adeos. (O Creado sáe, e o Theatro começa a apparecer escuro) Oh! pôde ser, que eu m'engane, é possível, depois do que tenho observado, que isto não seja mais que puro effeito do acaso... O' meu Deos! quanto eu soffro!... Adeos, meus sonhos! Adeos, minha noite feliz!— O Demonio, que me persegue em toda a minha vida, está allí... Ah! Paulo, se um dos teus compatriotas se visse no teu lugar, com este bom punhal na mão... silencio!... Não ouvi eu?.. Seus passos aproximárão-se a esta porta... esta porta... (Inclina-se para o lado da porta do quarto d'Arthur.) Mas ella abre-se... elle vêm... é elle (retirando-se para traz) aonde vai elle?...

(Arthur pallido e tremendo apparece ao lumiar da porta, comprimindo o peito com a mão, como para suffocar as palpitações do coração, e caminhando sobre as pontas dos pés, observa se em torno de si está alguma pessoa; escuta a ver se tudo está socegado; atravessa o Theatro, dirigindo-se para a porta do quarto de Theresa. — Já muito proximo, para, alimpa o suor do rosto com

um lenço, e continha, procurando com a mão a aldrava da porta.)

ARTH. Vamos. . .

(Paulo segue Arthur, na escuridade, mais pallido ainda, e mais trémulo do que elle, prompto a cravar-lhe o punhal, que tem na mão. — Quando vê que Arthur se dirige para o quarto de Theresa, vai collocar-se entre a porta, e Arthur, com o punhal sempre erguido. — Arthur, ao levantar a mão para procurar a aldrava da porta, encontra-se com Paulo, trava-lhe do braço, e diz com voz sufocada:)

ARTH. Quem está aqui? . . .

PAUL. O mesmo que livrou da morte a senhora Theresa no golfo altanado de Ischia, e que hoje dará seu sangue por lhe salvar honra e vida.

ARTH. (Afastando-se.) Maldição! . . .

(Paulo segue um instante Arthur com o punhal erguido. — suspende-se de repente, e arroja ao chão o punhal.)

PAUL. Oh! Não! o mesmo golpe a mataria. . . (a Arthur) Ide-vos. . .

ARTH. (Entrando no seu quarto.) Maldição! . . .

(Paulo deixa-se cair sobre uma cadeira.)

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO QUARTO.

(Uma sala mais asseada, — Tres portas no fundo, que a communicão com outras salas.)

SCENA I.

O BARÃO DE SORBIN, UM CREADO.

O BAR. DE SORB. P Ode-se fallar ao senhor Arthur de Savigny?

O CREADO. Creio que sim... quem lhe direi que o procura?...

O BAR. DE SORB. O Barão de Sorbin... (o creado entra no quarto d'Arthur. — O Barão assenta-se; — e em quanto aquelle não chega abre e folheia um album. Ah! é o album da Baroneza.

(Lé.)

Se a vida triste minha não odeio,
Se meus labios não dizem á ventura

O Adeos das despedidas,

Se contra os bens da terra não blasfemo,
Nem ousou duvidar do Omnipotente,
É porque te idolatro.

Ha segredos no amor, que ás penas d'alma

Dão suave e fagueiro lenitivo;

Ha n'elle alta magia,

Que alisa as rugas de affanosas fronte;
Um reflexo do dissêra ardente e santo

Dós gozos inefaveis.

SCENA II.

O BARÃO DE SORBIN, ARTHUR.

ARTH. Relevai, senhor Barão, que vos fizesse esperar.

O BAR. DE SORB. Foi o que me deu occasião a ler excellentes versos, que muitos visos tem de serem vossos, mórmente por estarem escriptos por vossa letra, inda que não assignados.

ARTH. (Fechando com presteza o Album.) Ah! sim, é verdade... são ver-

sos, que eu fiz... em outra época... e que a Baroneza me pediu escrevesse no seu Album... Perdoai o tomar-vos aqui a visita, senhor Barão... mas eu desejava conversar convosco...

O BAR. DE SORB. Como passa o senhor Delaunay? voltou já da sua viagem?

ARTH. Não, senhor: está em *Anvergne*, ha tres semanas, como sabeis: a venda de uma das suas propriedades tem sido a causa de alli se ter demorado.

O BAR. DE SORB. Pela senhora Baroneza não vos perguntou, porque inda antes de hontem a vi comvosco na Opera; e reparei que toda ella respirava frescura e belleza.

ARTH. Ah! visteis-me!... sim, está melhor, muito melhor.

O BAR. DE SORB. Tenho idéas de que ella tencionava fazer uma viagem a Nápoles, na companhia de seu esposo.

ARTH. O seu restabelecimento tornou-lha desnecessaria... Hontem fui a vossa casa para ter a honra de vos ver.

O BAR. DE SORB. Eu sube: e é por isso, que aqui entrei, indo de passagem para a secretaria.

ARTH. Esta noite celebramos o natalicio de minha mulher; faz hoje dezoito annos. Poderemos contar convosco para o baile?... seria muito mal feito, que nos faltasseis.

O BAR. DE SORB. Por certo que não faltarei... Mas suppuz que tinheis que me fallar; e bem vedes que no meio do tumulto de uma funcção.

ARTH. Eu queria perguntar-vos como vão os meus negocios.

O BAR. DE SORB. Optimamente,

ARTH. É que tendo cessado de existir os motivos, que me demorãvõ em Paris...

O BAR. DE SORB. Ah! sim: era o vosso casamento quem tudo vos fazia recusar... Muito bem! mas se convierdes em sair, o Ministro dos negocios estrangeiros procura alguem, que possa enviar a S. Petersburgo, encarregado de negocios importantes... Aceitaricis o cargo de Enviado extraordinario naquella Corte?

ARTH. Pouco me importa: tudo accitarei, com tanto que tenha um pretexto plausivel para deixar Paris.

O BAR. DE SORB. Pois bem! isso poderá arranjar-se.

ARTH. Agradecido!... Não sera preciso advertir-vos que os mesmos motivos, que fazem com que eu desde hoje saia da França, são tambem causa para desejar que similhante pertença fique em segredo até que...

O BAR. DE SORB. Não tenhaes dúvida: eu vou d'aqui para casa do Ministro, onde tenho que fazer; fallar-lhe-hei em o vosso negocio; e espero vir esta mesma noite trazer-vos boas noticias.

ARTH. Que bondade a vossa!... Partis já?...

O BAR. DE SORB. Apenas tinha tempo para vir dar vos as boas tardes, e saber o motivo que vos levou a minha casa... porque vós tendes tornado tão pouco visivel depois de casado, que uma visita... — A proposito, como passa a vossa esposa?...

ARTH. (*Acompanhando-o.*) Alguma cousa incommodada.

O BAR. DE SORB. Ah! é que...?

ARTH. Oh! meu Deos! Não!

O BAR. DE SORB. Até logo.

ARTH. Sim... Agradecido, mil vezes agradecido.

O BAR. DE SORB. Deixai-vos disso... Adeos.

SCENA III.

ARTHUR, só.

Ah! se Theresa imaginasse que tracto de a deixar!... Mas eu não posso sem tremer pensar no regresso do Ba-

rão... Na sua ausencia apenas temos a reccar os olhos de Amelia, que é facil enganar; tanta é a sua caudura... todavia em presença d'ella começa o supplicio já.

SCENA IV.

ARTHUR e THERESA.

(*Theresa entra nas pontas dos pés pranteira e risonha. — Olha para todos os lados; e, vendo-se sósinha com Arthur, vem, sem que elle o perceba, collocar-se por detraz da cadeira, em que elle está sentado, e lhe dá a mão a beijar.*)

ARTH. (*Estremecendo.*) Ah!...

THER. Eutão! Sou eu... causo-vos medo?

ARTH. Ah! não Theresa.

THER. Acabo de dispôr tudo o necessario para a nossa funcção. Olhai, Arthur! o mundo é um meio de nos isolarmos; seremos mais livres na presença de cem pessoas, do que os somos em os nossos serões com Amelia... Ah! o tumulto, o confuso sciutillar das luzes, o estrondo da musica, no meio do qual os olhos se encontrão sem serem espiados, as mãos se tocão sem serem vistas, um proposito namorado se communica sem ser ouvido... nunca tanto gostei dos bailes, e dos espectaculos!

ARTH. E considerais-vos feliz, Theresa?...

THER. Considero, sim; porque quero, porque é forçoso sel-o.

ARTH. Tanto melhor!

THER. Como soes cruel, Arthur!... Deixai-me pois viver esta vida ficticia, que faz com que eu esqueça... deixai-me a febre e a agitação, que me deslumbrão... sim, sim, Arthur, com tanto que eu vos veja presente, com tanto que toque de tempos a tempos a vossa mão, com tanto que devise os vossos olhos, como agora, fixos nos meus... Ah! eu esquecerei o passado onde existe um delicto, esquecerei o futuro, onde existe um remorso, tudo pelo presente, pelo presente cheio de felicidade, pelo presente que me embriaga com um prazer desleixado, e voluptuoso... Ah! vós não sabeis ainda, Arthur, como é o amor

de uma mulher! o amor para nós equivale á vida, mistura-se com o nosso sangue, ... bebemol-o com o ar, que respiramos!...

ARTH. Minha Theresa!... seria todavia necessario pensar por um momento no futuro, na proxima volta do Barão.

THEA. E para que pensar em tal? Deixai-me antes esquecer tudo isso!... Penso eu acaso na morte, por que ella póde vir d'um instante para outro? Não: as palpações do meu coração annunciação-me que estou na primavera da vida; o mesmo me annuncia o amor, que me abraça, e que ha de sobreviver a tudo...

Demais, venha a desgraça, venha a morte! terei ao menos conhecido os instantes venturosos d'esta vida.

ARTH. Theresa! Theresa! quanto te invejo!...

THEA. Pois então faz como eu; esquece tudo comigo... Ah! se tu me amasses como eu te amo!... Vem-me ás vezes uma idéa ao pensamento...

ARTH. Qual é?

THEA. Eu t'a direi quando formos desgraçados; quero então ver até que ponto és merecedor d'este amor de Italiana, que invocabas outr'ora, e que hoje... Arthur! eu desconfio que não me comprehendes... Vamos, Arthur! avante! animo! (*Arthur ergue-se.*)

PAUL. (*Entrando*) Entrou no pátéo o correio do senhor Barão, e traz apenas a seu amo alguns instantes de dianteira.

THEA. (*Caindo sobre uma cadeira*) Ah!

ARTH. Deixa-nos, Paulo. (*Paulo sde.*) Theresa! Theresa! tambem eu agora te digo: animo!

THEA. Está a chegar!... Não ouviste? está a chegar!...

ARTH. Tinhas tu realmente esquecido que elle devia voltar?

THEA. Ah! não, nunca... apenas era eu menos egoista do que tu és: não queria affligir-te com os meus pezares... Já que eu não esquecia, queria ao menos fazer-te esquecer... Esquecer!... ah! nunca!... Nem existiria um Deus se certas cousas se podessem esquecer... Allegra-te, Arthur: depois do meu crime não tive mais uma unica hora, um unico momento de repouso... O ancião, o veneravel ancião, jámais deixei de o ter

presente na memoria: em minhas vigílias, no meu somno, nos meus prazeres, via-o sempre, sempre... E quando eu escondia entre os teus braços a minha cabeça desgrenhada, Arthur, julgavas que era de ternura... pois era de horror!

ARTH. O meu Deus!...

THEA. Não é verdade, que eu era digna de inveja?

ARTH. Ah! não, não!...

THEA. Dize-me, pois, agora, qual de nós amava mais, tu, que procuravas atterrar-me com teus receios, ou eu, que queria tranquillisar-te á força de ternura?

ARTH. Ah! Theresa! se tu soubesses a energia com que te amo agora!...

THEA. Repara no que dizes!! Essas palavras, ditas n'este instante, constituem uma obrigação... Ousarias tu repetilas! Amas-me tu ainda do mesmo modo, Arthur?

ARTH. (*Hesitando.*) Sim... amo...

THEA. Lembras-te de que eu te disse que me tinha vindo uma idéa ao pensamento...

ARTH. E então?...

THEA. Que a reservava para a época da desgraça...

ARTH. Qual é? qual é? vejamos!...

THEA. Tu não ousaras!...

ARTH. Mas que é?...

THEA. Escuta-me!... Acreditas tu que uma mulher, que tem faltado ao mais santo de todos os deveres, que tem faltado a elle, sem haver causa alguma, que a possa desculpar... não creias pois que exista a minima cousa, que me sirva de escusa a meus proprios olhos... não a ha: — o Barão era excellente, e queria-me bem; tudo quanto eu podia desejar se cumpria no mesmo instante... Ah! quanto sou criminosa!... vamos, conhece-o bem!... Ora diz-me, acreditas que uma mulher, que não teve, como eu, desculpa alguma para traír, possa tornar a ver a face d'aquelle, a quem traio, abraçar os seus cabellos brancos, dormir sobre o seu peito?... Ah! dize, dize... acredita-o tu?...

ARTH. Theresa!...

THEA. Mas dize-me, se o acreditas, não te pergunto mais do que isso!

ARTH. Ai! de mim!... não.

THEA. Ah! tu és como eu, não é a-

sim?... Compreendes o crime, mas não a insolencia... Ora pois, sou eu essa mulher que nada pôde desculpar; meu marido está a chegar... e, tu mesmo o disseste, eu não posso tornar a vê-lo...

ARTH. Se todavia...

THER. Ah! não viste que não ha outro meio?... Mettida, como estou, no caminho por onde me guiaste, é forçoso não olhar nem para os lados, nem para traz; é forçoso caminhar sempre... sempre para diante; — e quando em taes circumstancias se encontra um abysmo... é forçoso que nos arrojemos n'elle... Estás tu prompto para fugir, Arthur?

ARTH. Oh! é impossível!

THER. Bem dizia eu, que não ousarias!...

ARTH. Mas esse velho... esquece-lo tu por ventura?

THER. Sim, esqueço... como o assassino esquece a victima... Arthur! eu não o esqueço; eu quero fugir d'elle...

ARTH. Ah! mas abandoná-o na velhice e na desventura!... Em qualquer parte, para onde fugirmos, ouvir as suas maldições, que nos perseguirão em toda a parte!... Oh! eu não o deixarei assim...

THER. Mentas... Não é elle quem te obriga a ficar!

ARTH. Então quem?

THER. Quando duas pessoas se conhecem como nós, leem claramente no coração uma da outra... e é isto muitas vezes o primeiro supplicio! Não é o velho quem te obriga a ficar, Arthur...

ARTH. Então quem? meu Deos!

THER. Sua filha, ... Amelia... tua esposa!

ARTH. Theresa, eu te juro...

THER. Não jures!...

ARTH. Pois bem, ... sim... perdoame, Theresa.

THER. Ah!

ARTH. Essa menina, a quem tornei desgraçada...

THER. E a mim!...

ARTH. Essa menina tão doce, tão tímida... que infeliz me occultou as suas mágoas, que echorando me occultou as suas lagrimas..., cuja voz se altera, ... cuja saude se enfraquece, ... essa menina, a quem prometti tornar dita...

THER. E a mim nada me tuilhas prometido? Não é assim?

ARTH. Ah! perdoame, ... perdoame, Theresa!

THER. Ora pois; eu era sómente criminosa; tu queres que seja também hypocrita... Podia na tua presença chorar sómente... tu queres que tambem na tua presença me avergonhe!... Pois bem, crime e vergonha, accitearei tudo, porque tudo me provém de ti... Eu esperarei pelo Barão.

ARTH. Uma carruagem!... (Theresa vai á janela.) Então?

THER. (Friamente.) É ella.

ARTH. Aonde me esconderei?... Ah! perdoai-me, Theresa!... perdoai-me!...

THER. Retirai-vos... quereis perder-me?...

(Arthur sae.)
THER. (Só.) Vamos, Theresa... vamos... um sorriso sobre os labios... E quem poderá conhecer se o teu rubor é motivado pela vergonha, se pela alegria?...

SCENA V.

THER., DELAUN., AMEL., DUL.

DEL. (Na sala de fóra.) Mas onde é que está Theresa?... Theresa, onde está ella?...

AMEL. Ah! meu Pai! aqui a tendes.

DEL. (Abraça-a.) Então que é isso, minha Theresa! Laura, Dulau e Amelia forão esperar-me ao fundo da escada, para me verem um instante mais cedo... e tu!...

THER. Eu ía a descer...

DEL. Ah! de bom grado te perdoo por te encontrar tão bella, e tão viçosa... Amelia, conduze-me Arthur. (Amelia sae.) Tua saude... tua tão cara saude está pois restabeleçada, minha Theresa?

THER. Sim, vivo satisfeita...

DEL. (Sempre abraçando-a.) Ah! Deixa-me... Tu sabes o que eu queria fazer para te restituir a ventura.

DUL. Sim, deixar-nos.

THER. Sei que sões excellent e generoso entre os homens... e se ha instantes, em que eu não tenha verdadeiramente apreciado o vosso coração... Ah! Deos sabe que não é n'este!...

SCENA VI.

Os mesmos, ARTHUR, e AMELIA.

AMEL. Vinde, Arthur, vinde!.. Mas se eu vos digo que é meu Pai!

DEL. Vem, Arthur... Já vejo que é preciso ir procurar toda a gente... Mas que é isso!... que fazes?... Beijas-me a mão?... Tu enloqueceste?...

ARTH. Oh! meu Pai!...

DUL. Este moço não é decididamente o mesmo homem... Eu previnirei a Delaunay.

DEL. Voltemos a ti, minha filha... Encontro-te pallida, ... demudada.

AMEL. (Com tristeza.) A mim?... Oh! não é nada.

DEL. Não te parece, Arthur?

ARTH. Que sei eu!... Mas, não... (A' parte.) O' meu Deus!...

DEL. (A Amelia.) Tu não me esperavas hoje, não é assim?... Mas eu lembrei-me do teu natalicio; e não quiz deixal-o passar sem te vir dar um abraço. Tomei a posta; corri noite e dia, e aqui me tens... Estás satisfeita com a minha presença?

AMEL. Oh! — ... se eston!

THER. (A Arthur, tremendo e embarracada.) Compadeço-me de vós. (A Delaunay.) Deveis de vir enfadado; meu esposo; temos todavia hoje uma função, como sabeis, e para apparecer n'ella será preciso mudar de vestuario.

DEL. Sim, é verdade; tenho além d'isso mil cousas que dizer-te.

DUL. (Baixo a Delaunay.) Tenho tambem que te fallar.

DEL. A mim?...

DUL. Chiton!

DEL. Então que é?... Vamos, Dulau, vem conosco. — Theresa, estamos á tua espera.

THER. (A' parte.) O' meu Deus! meu Deus! fortalecei-me!

SCENA VII.

AMELIA e ARTHUR.

AMEL. Vós ides-vos, Arthur?

ARTH. Sim: ia trabalhar... Tinhas alguma cousa que dizer-me?

AMEL. Sómente uma palavra, e deixo-vos.

ARTH. Fallai.

AMEL. Meu pai encontrou-me pallida, e demudada.

ARTH. É verdade; eu mesmo o tenho notado.

AMEL. Ah! ainda bem!... Acreditaes que esta mudança não tenha um motivo, Arthur?

ARTH. Ao menos não o conheço.

AMEL. Eu vol-o digo... Sou infeliz!

ARTH. Vós!... é porque?

AMEL. Porque não me quereis bem.

ARTH. Amelia!...

AMEL. Já não me quereis bem Arthur, e é forçoso que seja por minha culpa... Tenho procurado em mim tudo o que poderia ter arrefecido o vosso amor; parece-me que sou sempre a mesma, e que sómente vós amo cada vez mais.

ARTH. E que cousa pôde motivar que imaginasseis?...

AMEL. Tudo. Demais disso, ainda que tomásseis o trabalho de dissimular vossa indiferença, ha no coração, de quem ama, um instincto, que a adivinha, Arthur: — mas vós nem mesmo vos impondes essa obrigação.

ARTH. Como assim!...

AMEL. A culpa é vossa: porque me habituasteis a ser estimada, a viver rodeada de disvelos e de amor? Acostumei-me a isso; e agora, agora que vos vejo sempre distraido, preocupado...

ARTH. A mim?...

AMEL. Olhai, agora mesmo... Ah! eu estou a impacientar-vos, a affigir-vos... Escutai, escutai uma súpplia... uma súpplia, que vos faço de joelhos...

ARTH. Ah! Amelia!...

AMEL. Sim, uma súpplia...

ARTH. Qual é?...

AMEL. Fazei por occultar a meu Pai a vossa indiferença; porque isso o tornaria desgraçado! Diante d'elle... uni-

camente diante d'elle mostrai-vos para comigo tão affavel como d'antes. Ah! vós não imaginaes o amor que elle me tem! não imaginaes quanto soffreria!... Ora quando estivermos sósinhos nada exigirei de vós, nada; não me fallareis, se assim o quizerdes... eu estarei no meu quarto, e vós no vosso... Oh!... sim... eu terei animo para isso... Mas sabel-o meu Pai!... vél-o eu chorar!... Não, Arthur, ah!... não... para isso é que eu não tenho animo.

ARTH. Amelia!... querida Amelia!... ah!... mas se eu te quero bem!...

AMEL. (*Pondo-lhe a mão sobre o peito.*) O que tu dizes não vem d'aqui, Arthur, não... Olha, já não é esse o accento d'outr'ora, que fazia com que as tuas palavras persuadissem; o accento com que me farias acreditar impossiveis... Não, eu não reclamo mais nada, unicamente exijo o que acabo de dizer-te... Farás tu por parecer que me amas, na presença de meu Pai?...

ARTH. Oh! sim, sim!... Compadecete de mim, Amelia! eu sou um desgraçado!... Mas tudo isto mudará; eu t'o juro!

AMEL. Porém, meu Deos, que é o que tens?

ARTH. Nada... nada pelo menos que possa dizer-te... tormentos, pezares unicamente meus...

AMEL. Se me quizesseis bem serião de vós ambos...

ARTH. Continúas!...

AMEL. Não...

ARTH. Amelia!... é-me indispensavel a solidão...

AMEL. Disse-vos quanto tinha a dizer-vos; podeis retirar-vos, Arthur.

ARTH. Sim; mas depressa voltarei, Amelia... Tenho disposto tudo para um futuro plano de vida para que não nos separemos um do outro, para que...

AMEL. Eu dou por bem feito tudo quanto fizerdes.

ARTH. Vamos, vamos...

AMEL. (*Sorrindo-se.*) Até logo.

ARTH. (*Entrando no seu quarto.*) Quanto soffro!

SCENA VIII.

AMELIA, só.

Ah! quem me restituirá o meu Arthur d'outr'ora, suas maneiras desveladas e obsequiosas, seu rosto prasanteiro, e sua hõeca risonha? Pezares unicamente seus, diz elle... Ah! esses pezares são d'ambos, porque bem os conllecço eu... Elle ama... elle ama outra!... Ah! pobre Amelia!... Meu Deos! meu Deos!...

SCENA IX.

AMELIA, e LAURA.

LAUR. Que tens tu?

AMEL. (*Ergue-se rapidamente, e enxuga as lagrimas.*) Eu? nada...

LAUR. Tu choraste, Amelia... tu estás inda a chorar!...

AMEL. Não, não... enganas-te... Porque havia eu de chorar?...

LAUR. Não sei, mas tens os olhos afogueados, o seio comprimido...

AMEL. Mas se te asseguro, que estás enganada!...

LAUR. Estou enganada... e os soluços a sufocar-te a voz!... Dize-me o que te afflige, Amelia.

AMEL. (*Solueando.*) Ah! quanto sou infeliz!...

LAUR. Infeliz!... E não o sei eu, eu, a tua amiga da infancia, a tua irmã!

AMEL. Laura! minha querida Laura!... sim. Muito desejava eu dizer-te o que me afflige...

LAUR. Fallar em as nossas mágoas é já uma consolação... Vejamos... falla... que é o que tens?

AMEL. Ah! é uma cousa horrorosa, que me magõa, que me despedaça cruelmente... tormentos, de que eu não tinha idéa... Ah! Laura! Laura!... eu tenho ciumes!...

LAUR. Ciumes!... e de quem?...

AMEL. De quem, senão de Arthur?

LAUR. De Arthur?

AMEL. Sim.

LAUR. Como! Arthur, engana-te?

AMEL. Sim, sim... Não é verdade

que semelhante cousa é horrrosa!... Eu querer-lhe tanto, e elle amar a outrem!... outrem que não a sua Amelia!

LAUR. Mas é incrível!

AMEL. Eu estou bem certa de que é verdade.

LAUR. Porque modo?

AMEL. Escuta: elle recebe cartas, e occulta-mas... Outro dia vi que recebeo uma; beijava-a, apertava-a ao coração... Ah! tu não podes imaginar o que é o ciúme!... elle gela tudo... Era no instante, em que tinha um segredo a communicar-lhe, um segredo que em outro tempo nos encheria de satisfação a ambos... Ah! eu não tenho animo!...

LAUR. E essas cartas?...

AMEL. Tenho observado onde elle as esconde, e trinta vezes... tenho vergonha de t'o confessar, Laura... mas trinta vezes tenho estado a ponto... seria muito mal feito, não é verdade?

LAUR. E onde as esconde elle?

AMEL. N'uma gaveta occulta do guarda-roupa, que está no gabinete. Mette-as em uma carteira, onde estou certa que ha muitas, e fecha a carteira n'esta gaveta.

LAUR. Como assim! concebeste semelhante suspeita, e não te asseguras!...

AMEL. De que modo?

LAUR. Parece-me que não ha mais do que um...

AMEL. Oh! seria horrivel!

LAUR. Mas pôde ser que elle guarde com cautela a chave do guarda-roupa.

AMEL. (Tira uma chave do seio.) Tenho uma, de que elle não sabe...

LAUR. Queres que vá contigo?

AMEL. Ah! não, não... De que valera isso?... seriamos surprehendidas ambas!...

LAUR. Pois bem, vai sósinha.

AMEL. Jámais terei animo para ler uma d'essas cartas.

LAUR. Escuta: traze para aqui a carteira toda; eu a abrirei, e te direi que és uma estouvada por te inquietares assim; pois estou bem certa de que essas cartas hão de ser papeis de negocios, e não bilhetes de namorado... e tu as tornarás immediatamente a levar.

AMEL. Espero que sejas discreta, Laura!... Oh! tens razão: eu sou tão infeliz, que é forçoso pôr termo a esta

incerteza... E se fôr mal feito... ah! Deos, que vê quanto soffro, me perdoará talvez!

LAUR. Animo!... Aqui te aguardo...

(No momento, em que Amelia entra no seu quarto, vê Delaunay do sen)

SCENA X.

DELUNAY e LAURA.

DEL. (A parte.) É na verdade bem extraordinario o que Dulau acaba de dizer-me. (Vendo Laura.) Laura!... (Vai para ella.)

LAUR. (Voltando rapidamente.) Senhor!...

DEL. Aonde está Amelia?

LAUR. Está... no quarto de seu marido, julgo eu...

DEL. (Atravessando o Theatro.) Bem.

LAUR. (Demorando-o.) Ella volta já...

DEL. (Voltando.) Queria perguntarte uma cousa, Laura... Tenho notado a pallidez de Amelia... e tenho-me inquietado com isso... Terá ella alguma cousa, que a afflija?

LAUR. (Hesitando.) Que a afflija?... Sim, senhor, tem...

DEL. E quem se animaria a causar afflicções a um anjo assim? Espero que não fosse Arthur...

LAUR. Escutai... Vós não lho direis!...

DEL. Falla!

LAUR. Pois bem... é elle!

DEL. Ah!... vou immediatamente procural-o.

LAUR. (Suspense-o.) Não... não vades... Amelia enganou-se talvez...

DEL. Embora! Arthur é um homem honrado... e dir-me-ha...

LAUR. Não, senhor, não: mais val esperar... Amelia vai saber em breve se sim, ou não se enganava.

DEL. Como assim?...

LAUR. (Tremendo.) Cartas...

DEL. Cartas nas mãos de Amelia!...

LAUR. Não, senhor, ... ella não ousará abril-as... Tral-as-ha para aqui, e ambas...

DEL. (Com severidade.) Ide-vos embora, Laura.

LAUR. Porém Amelia...

DEL. Encontrará aqui seu Pai em

vez de sua amiga... Julgues que não possa confiar-me o segredo, que vos confiaria a vós?

LAUR. Em me ausento, senhor.

DEL. Instai com a Baroneza para que se vista depressa, e fazei favor de mandar acender os lustres.

LAUR. Não me queres mais nada?..

DEL. *(Com mais docura.)* Não, minha filha... Mas deixai-me.

SCENA XI.

DELAUNAY só, e logo AMELIA.

DEL. Ah! se assim fosse, seria uma cousa horrivel!... Confiar eu á sua honra uma filha candida, innocente e pura; e elle enganál-a!... Oh! esta rapariga não sabe o que diz: é impossivel!

AMEL. *(Entrando pallida! e a tremor.)* Toma, Laura, ... eis-as aqui. *(Vendo Delamay.)* Meu Pai!... *(Esconde a carteira detraz das costas.)*

DEL. *(Com frieza.)* Amelia, dá-me essa carteira.

AMEL. Como!... como!... Vós quereis...

DEL. Sei tudo.

AMEL. *(Lancando-se em seus braços.)* Ah!...

DEL. Tu padeces, e vais queixar-te a outrem, minha filha!... Não sou eu já teu Pai, teu querido Pai?...

AMEL. Ah! pois não sões!... sim, sim... sões o meu querido Pai!...

DEL. Porque motivo confessaste a Laura o que só a mim devéras dizer?

AMEL. Ah! meu Pai! ella surprende-me a chorar...

DEL. Logo reputas-te inteliz, pobre Amelia?

AMEL. Sim, bem infeliz!

DEL. *(Sem vér a carteira, que Amelia conserva sempre occulta.)* E suspeitas que essas cartas seião de uma rival?

AMEL. D'isso estou eu bem certa!

DEL. E iás confiar a Laura, a uma rapariga, um segredo de tamanha importancia!... Essas cartas, Amelia, encerrão a deshonra de uma mulher... d'un marido talvez... e tu iás arrojar ao vento a sua reputação!

AMEL. Ah! eu obrei mal, bem o sei; mas estava fóra de mim, tinha a cabeça desorientada... não sabia o que fazia.

DEL. Dá-me essas cartas.

AMEL. Aqui as tendes, meu Pai... se não forem de alguma mulher, confessai tudo a Arthur, e pedi-lhe perdão em meu nome; se eu não me enganei, restitui-me a carteira, que eu a tornarei a pôr onde estava... Mas occultai-me o nome d'essa mulher... odial-a-hia... Depois apertai-me bem contra o vosso coração, porque bastante necessidade terei do vosso amor, e da vossa piedade... E mórmente perdoai a Arthur, como eu já lhe perdoo.

DEL. Tranquilliza-te, minha filha; eu terei prudencia.

AMEL. Dai-me um abraço, meu Pai; porque me sinto mais alliviada, abraçando-vos... Adeos!... Adeos!... Ah! se é verdade que eu me enganei, ide depressa dizer-mo!...

(Durante esta scena tem-se accendido os lustres da sala immediata, que os creados muitas vezes tem atravessado.)

SCENA XII.

DELAUNAY *(só.)*

Pobre filha!... tão nova, e já sofrer!... sim, o embaraço, que Arthur patenteou quando me vio, causou-me logo impressão, senti que se me apertava o coração apenas divisei a pallidez de Amelia... Um segredo d'esta importancia abandonado a duas crianças!... — *(Abre a carteira.)* Um retracto de mulher! — *(Aproxima-se a uma luz.)* Theresa!... O retracto de Theresa em poder de Arthur!... Donde provém isto?... Estas cartas... vejamos as cartas... A letra de Theresa!... — *(Abre uma.)* « Amado Arthur. » Maldição!... — *(Cae sobre uma cadeira.)* Mas não, — *(Rindo.)* É loucura!... eu li mal... Vejamos... Ah! minha vista se perturba... — *(Bate com o pé no chão.)* Tua Theresa!... *(Aperta, e esfrega o papel entre as mãos.)* Infame!... Era ella, a quem o vil tinha conhecido em Napoles, a quem tinha amado! E sou eu quem lha trago!... Inferno! Oh! venhão para mim! venhão

para mim... quero alguma cousa para quebrar, para despedaçar!... Ah!... Arthur! Arthur! Desgraça, e morte venha sobre ti!... Sangue! sangue!... É-me necessario sangue!... — *(Corre para o quarto, e pára.)* Um motim!... uma pendencia! de que seria forçoso dizer a causa!... Insensato!... Onde, como procurar um pretexto!... Elle pôde demorar-se a apparecer, e eu, durante esse tempo... eu, ... mas eu abafô!... O meu coração pôde arrebentar, e fazer-se em pedaços, eu posso morrer... morrer! e não me vingar!... e deixal-os!... Ah! é impossível!... You maqdal-o chamar, ... fazel-o aqui vir... e a sós, a sós com elle...

(Vai para chamar. — Apparece um creado, annunciando a chegada de differentes convidados.)

O CREADO. O senhor Serçannes, o senhor General Clemente.

DEL. Mas que querem estes homens?.. que vem elles aqui fazer? — *(Notando que todos vem em traje de baile.)* Ah! sim, um dia de annos, ... uma funcção... Oh!

(Cae sobre uma cadeira, n'uma especie de convulsão.)

SCENA XIII.

DELAUNAY, O GENERAL CLEMENTE, O SENHOR SERÇANES, VARIOS CONVIDADOS, DULAU, *(que vai ao seu encontro,)* depois O BARÃO DE SORBIN, THERESA, ARTHUR.

O GEN. Boas noites, meu caro Delaunay.

DEL. Boas noites, General... muito folgo de vos ver...

DUL. Vosso servo, General... Temos hoje uma funcção de annos; e taes dias são assignalados na vida de um Pai.

DEL. *(Rindo.)* Sim... sim... são dias alegres!... — *(Ao senhor Serçannes.)* Senhor!...

O CREADO. *(Annunciando.)* O senhor Conselheiro, Barão de Sorbin.

O BAR. DE SORB. Eu quizera fallar a Arthur antes de entrar no salão...

O CREADO. Elle está no seu quarto.

THER. *(Saindo do seu quarto ricamente ataviada.)* Como! senhores! Apenas chegaes, deixais-me só!

O GEN. Ah! senhora Baroneza, nós ignoravamos...

DEL. *(A' parte.)* Sua Theresa!...

DUL. Vinde, senhor Serçannes, vamos á nossa partida de Boston... nós não dançamos... *(Sae com o senhor Serçannes.)*

THER. Senhor General, tende a bondade de entrar no salão.

DEL. Não, não, eu ficarei com o General... Ide receber essas senhoras.

(O creado annuncia muitas senhoras, que entrão. — Theresa recebe-as com affabilidade, e abraça as Donzellas.)

THER. *(A uma das mais novas.)* Cada vez mais bella, minha filha... Entrai no salão, onde encontrareis Amelia e Laura... e o vosso excellente amigo Dulau, que tanto gostaes de fazer enraivar.

(Arthur e o Barão de Sorbin saem do quarto de Arthur. — Theresa e Arthur ficão por um instante defronte um do outro. — Delannay fixa os olhos n'elles.)

O BAR. DE SORB. Senhora Baroneza...

THER. Vamos encontrar-nos todos no salão, senhores. *(Sae.)*

ARTH. N'um momento.

DEL. Ah!...

O BAR. DE SORB. *(Mostrando Arthur.)* Senhores, tenho a honra de vos appresentar um enviado extraordinario da côrte de França em S. Petersburgo.

DEL. Arthur!...

O GEN., e o SR. SERÇ. Recebei os nossos parabens.

O SR. SERÇ. E desde quando teve lugar o vosso despacho?

ARTH. Esta mesma tarde, ... e despacho e noticia, devo tudo ao senhor Barão de Sorbin...

O BAR. DE SORB. A modestia impede-o de acrescentar, que S. M. junta a este despacho o titulo de Barão, e a cruz da legião d'honra.

O GEN. Como! Eis ali o que é magnifico!... Aceitai os meus sinceros parabens.

ARTH. (*Indo para Delaunay*) E vós, meu Pai...

DEL. (*A' parte.*) Seu Pai!...

ARTH. Não me dais os parabéns!...

DEL. (*Erguendo-se, e encarando-o*) Com effeito, senhor, ha grande motivo para isso!...

ARTH. (*Recia.*) Todavia, meu Pai... senhor... acreditava eu que ninguém com mais razão...

DEL. Hei de applaudir uma injustiça porque essa injustiça favorece meu genro? Hei de julgar uma cousa bem feita, porque ella é vantajosa?... Estues enganado.

ARTH. (*Estupefacto*) Mas eu não posso explicar...

DEL. Eu vou fazel-o...

O GEN. Porém, Delaunay!...

DEL. (*Fóra de si, e levantando a voz.*)

Ah! Deixai-me, General. Que é isto, senhores! Não vos espanta, não vos escandaliza tal injustiça?... E ficaes mudos?... Um despacho para enviado extraordinario, concebo: quando se não sabe o que se ha de fazer de um homem, quando um homem não serve para nada, e todavia os ouvidos do ministro estão enfastiados de ouvir pronunciar o seu nome, faz-se d'esse homem um enviado extraordinario, ou um conselheiro d'Estado... Optimamente!

ARTH. Que dizeis!...

DEL. Silencio, senhor!... Mas que a esse homem, que nada praticou ainda em prol do seu paiz, que conserva ainda nas suas veias todo o sangue da juventude, que a esse homem se dê o mesmo titulo que aquelle, cuja fronte tem encanecido, nas fadigas dos *bivouacs*, a mesma recompensa, que aquelle, cujo sangue tem corrido sobre vinte campos de batalha... Ah! isto é uma irrisão amarga e escandalosa de tudo quanto é nobre e grande, isto equivál a não ouzár um homem cumprimentar a outro, que encontrar na rua com uma fita, e um titulo igual ao seu!

O GEN. Meu amigo!... meu amigo!...

DEL. Se absolutamente querem amontoar sobre esses peitos de mancebos gúilões e fitas, se querem acrescentar títulos ao nome de baptismo de taes crianças, mandem-os para o Santo Padre,

que os nomeará Cavalleiros Serventes, e os enfeitará com a *Espora d'ouro*.

O BAR. DE SOB. (*A Arthur*) Meu amigo, a cólera de vosso Sogro provém de terdes a cruz, em quanto elle...

ARTH. Oh! tendes razão.

O BAR. DE SOB. Dizei-lhe que faremos o que podermos...

ARTH. (*Aproximando-se*) Meu Pai, concebo que seja penoso a um antigo militar do Imperio, como vós, o ver um moço, que confessa não ter merecimentos para isso, condecorado com uma cruz, que por tantas vezes tendes merecido... Crêde porém, que o ministro se não esquivará ás nossas sollicitações...

DEL. Agradecido!... Visto isso, se-reis vós o meu protector, não é assim?... Fatuo!...

ARTH. Ah!... senhor!...

DEL. Ser-vos-hião necessarios quatro annos da vossa vida, nada menos, unicamente para andar de campo de batalha em campo de batalha a examinar os sitios onde cortêra o sangue do vosso protegido... Oh! não, não, agradecido!... o vosso tempo é nimiamente precioso; e a tarefa seria nimiamente longa.

O BAR. DE SOB. Mas, senhor, esta cruz concedida a Arthur é tambem uma recompensa de sangue derramado: seu pai morreo na *Vendée*, combatendo pela causa Real.

DEL. Contra a qual eu combatia n'essa época... Concebo que se faça alguma differença entre nós ambos: seu Pai batia-se por um homem, eu pela França!

ARTH. Senhor!... Eu posso sofrer as injurias, que são dirigidas unicamente a mim; todavia aquellas, que são dirigidas a meu Pai...

DEL. Todo o homem, que péga em armas contra a sua patria, é um traidor... e seu filho é o filho de um traidor.

ARTH. Senhor, quando se derrama denodadamente por um principio o proprio sangue, seja qual for esse principio, a ferida, d'onde elle corre, pôde mostrar-se a todos, porque é uma ferida honrosa.

DEL. Arthur! havieis dito que não deixariéis insultar vosso Pai... eu in-

sultei-o, e insulto-o ainda... calquei nos pés a sua memoria.

ARTH. O' meu Deos! meu Deos!!

DEL. Disse-vos que ereis um fatuo; enganai-me; sôes um cobarde! (*Rasgando a luva com os dentes*) E se isto não é bastante... (*Atirando-lhe com os pedaços da luva*.) Tomai!

ARTH. Já que a isso me obrigaes, senhor...

DEL. (*Apertando-lhe a mão, e em voz baixa.*) A manhiã (*Neste instante apparece Amelia, e vê seu Pai e Arthur dando-se as mãos.*) Amanhiã ás seis horas, no bosque de Bolonha... General, sereis o meu Padrinho.

O GEN. Porém, Delaunay!...

DEL. (*Apertando-lhe a mão.*) É um duello irremissível, um duello de morte, percebeis?... (*Vendo Amelia*.) Minha filha!... Faz-se necessario que minha filha ignore tudo, senhores. — Entrai para o salão, tende a bondade de entrar. — (*Entrão para o salão. — Amelia fica no fundo.*) Ah! agora eu me vingarei!... (*Cae sobre uma cadeira.*)

SCENA XIV.

DELAUNAY e AMELIA.

(*Amelia depois de todos saírem, vai lancar-se nos braços do Pai.*)

AMEL. Ah! meu Pai! o que estou de contente! o que sou de feliz!

DEL. Feliz! contente!... Porque motivo?

AMEL. Não vos vi eu apertar a mão a Arthur? Ah! eu adivinhei tudo.

DEL. E que adivinhaste?

AMEL. Que estava innocente, visto que vos reconciliasteis com elle... que as cartas não pertencião a mulher alguma... Não é isto?

DEL. Sim, é isso, minha filha.

AMEL. Seguramente?

DEL. Digo-to eu. (*A' parte.*) Pobre filha!

AMEL. Agora posso amal-o como d'antes, e mais ainda, porque...

DEL. Então?...

AMEL. Ah! uma novidade... que eu não lhe disse a elle, porque julgava que não me queria bem... e que só hoje vos queria dizer, a vós, por ser o dia dos meus annos...

DEL. (*Sufocado.*) Ah!... e que era?...

AMEL. A pallidez, que me tendes notado...

DEL. Então?...

AMEL. Não era unicamente motivada pelos meus pezares... Eu padeço...

DEL. Tu!...

AMEL. Ah! mas padecimentos bem doces... cuja causa conheço, e cuja causa me é bem cara!... comprehendes?...

DEL. Não...

AMEL. Pois...

DEL. Pois que?...

AMEL. Actualmente, quando peço a Deos pelos dias de Arthur, peço não só por meu esposo, mas tambem pelo Pai de meu filho...

DEL. (*A' parte.*) O Pai de seu filho!... E amanhã a mãe viuva, o filho orfão!... E hei de ser eu!... Ah! meu Deos! isto é infernal!... Ah!... Ah!... (*Alto.*) Amelia!... Amelia!... vem para mim!... acode-me!... Ah!... tu não sabes quanto soffro!... quanto padeço!... (*Querendo arrojarse para fóra da sala.*) Ah!... Quero respirar o ar livre!... o ar livre!...

(*Cae junto da porta. — Amelia corre para elle.*)

AMEL. Meu Pai desmaiado!... Socorro! socorro!...

(*Entrão todos, e rodeião Delaunay desmaiado.*)

FIM DO QUARTO ACTO.

ACTO QUINTO.

(A mesma decoração. — São cinco horas da manhã.)

SCENA I.

PAULO e THERESA.

PAUL. **M**anda o senhor Barão, que ponhão a cartugem prompta antes de dez minutos.

THER. *(Que ia a entrar no seu quarto.)* Quem deu essa ordem, Paulo?

PAUL. O Barão, sehora.

THER. E para que são esses aprestos?

PAUL. Não sei....

THER. *(A parte.)* E notavel!... *(Alto)* e sabeis vós porquê motivo o Barão, depois da sua indisposição, não tornou a entrar no seu quarto?

PAUL. Ouvi-lhe dizer, que ia procurar o senhor Dulau: — é tudo o que sei.

THER. Mas eu queria vê-lo: não posso entrar para o meu aposento com taes inquietações... vou ao quarto de Dulau.

PAUL. A porta está fechada.

THER. Como assim!...

PAUL. Senhora, tendes animo?

THER. Que aconteceu?

PAUL. Uma pendencia com Arthur.

THER. Com Arthur!... mas foi sem d'vida de pouco momento?

PAUL. Batem-se dentro em duas horas.

THER. Grande Deos!... Que me dizes Paulo?... Baterem-se!... é possível?... o sogro, e o genro!... De certo vos enganaes!... Percebesteis mal...

PAUL. Ainda que eu nada tivesse ouvido; que não tivesse observado mais que um unico de seus gostos, que um unico volyer de seus olhos; eu vos affirmaria

que se batem hoje... e accrescento ainda mais, que o duello é de morte.

THER. Oh! que rematada loucura!... É preciso que eu veja o Barão, que lhe falle!... que... alcance d'elle...

PAUL. E se elle souber tudo?...

THER. É verdade... Que opprobrio!.. Pois bem! A Arthur é que devo fallar: exigirei d'elle que se não verifique este fatal desafio... tenho todo o direito a conseguilo... Paulo, ide ao quarto de Arthur... Elle deve ter entrado neste instante... intimai-o que venha, que o espero, que forçosamente lhe hei de fallar, eu mesma, a propria Theresa... Não venhas sem elle... Estais inteirado? Supplicar-lhe-heis com todas as vossas forças... não é assim?... Oh! meu Deos! parti, Paulo, parti!...

PAUL. *(Suspendendo-se)* O Barão!...

THER. O Barão... Ah! não me atrevo a aguardal-o... Se eu pudesse saber... fazei com que se demore aqui... para vér se vos diz alguma cousa... eu esconder-me-hei detraz desta porta... Ah! mas eu estou louca: elle nada dirá... vem procurar Arthur para se baterem... Oh! eu me arrojarei entre ambos...

PAUL. Eil-o!

THER. *(Escondendo-se precipitadamente detraz da porta.)* Oh! meu Deos!... misericordia!...

SCENA II.

DELAUNAY e PAULO.

(*Delauunay entra vagarosamente, vai sentar-se em um dos lados do Theatro. — Passado breve tempo, volta-se, e dá com os olhos em Paulo.*)

DEL. Paulo!...

PAUL. Senhor...

DEL. Que ia eu a dizer? Ah! sim... o baile já terminou ha muito tempo?

PAUL. Acabário agora de sair as ultimas pessoas.

DEL. Que horas são?

PAUL. Cinco.

DEL. E a sege?

PAUL. Eu executei as vossas ordens.

DEL. (*Estendendo-lhe a mão.*) Obrigado, meu amigo... (*Deixa cair a cabeça sobre o peito. — Pausa de um instante.*) Paulo...

PAUL. Senhor?

(*Delauunay volta a cabeça para o quarto de Theresa — quer fallar; depois revolvendo os olhos, arranca um suspiro.*)

DEL. Dizei a Arthur, que o estou aguardando. (*Paulo estremece. — Delauunay corrigindo-se.*) Eu não vol-o ordeno Paulo, peço.PAUL. Eu lá vou, senhor. (*São pela porta lateral, olhando para o lado de Theresa.*)

SCENA III.

DELAUNAY, só.

É forçoso que assim aconteça... desditoso de mim!.. mas só de mim... Eu quiz transtornar a ordem da natureza; quiz abraçar a morte com a vida, a juventude com a velhice... Desditoso de mim!.. (*Levanta-se, dá alguns passos, e fita os olhos na porta por detraz da qual se tinha escondido a baroneza.*) Theresa!... Theresa!... (*Caminha vagarosamente para a porta, e encosta a cabeça á parede.*) Quantas vezes passei o lumiar desta porta... com este coração cheio de alegria, e palpitando como o coração de um joven!... que insensato!... ou antes quão feliz, sim, quão feliz não era!..

PAUL. (*Da outra porta.*) O senhor Arthur está fechado por dentro; parece que não deseja comparecer.

DEL. Dizei-lhe que lhe peço... tomaste bem sentido?... que lhe peço (*Paulo vai-se.*) Sim, entendo perfeitamente: eu sou menos inteliz do que elle: eu soffro, mas elle envergonha-se... Vamos, vamos, animo!... Como estou enfraquecido! como estou fatigado!... Desde hontem para cá tenho envelhecido dez annos.

PAUL. (*Entrando.*) Eil-o ahi vem.DEL. Bem, meu amigo. Deixai-nos sós. (*Paulo sae.*)

SCENA IV.

DELAUNAY e ARTHUR.

(*Arthur pallido, e abatido entra passo a passo, pára no terço do Theatro, e abaixa os olhos.*)

ARTH. Mandasteis-me chamar, senhor?

DEL. Sim, mandei — aproximai-vos... e tomai assento.

ARTH. (*Conservando-se de pé.*) Obrigado...

DEL. Havieis de estranhar, senhor, o meu procedimento de hontem?...

ARTH. (*Com timidez.*) Não posso atinar com a sua causa.DEL. (*Com vivacidade.*) A causa é a que sabeis... não procureis outra.ARTH. (*A parte, alimpando a testa.*) Ah!... respiro.

DEL. Todavia semelhantes transportes não são proprios da minha idade: — O espaço de sessenta annos era assaz para conhecer os homens, e por conseguinte as suas injustiças devião fazer-me menos impressão... Eu obrei mal.

ARTH. Vós Senhor!... (*Pratica um movimento, juntando as mãos.*)

DEL. Obrei mal, senhor... por isso vos suppiquei, que viesseis para uma satisfação vos dar.

ARTH. Vós, senhor, satisfações a mim!.. Oh! meu Deos!.. sem dávida...

DEL. Porém, como a offensa foi pu-

blica, tambem deve ser pública a reparação. Como o ultraje foi praticado em presença de um homem, a cujos olhos deveis parecer puro e virtuoso, para que elle vos não perca a affeição, deliberei-me a escrever ao senhor Barão de Sorbin, e eis aqui a carta: encarrego-vos de lh'a entregar.

ARTH. (*Repellindo a carta.*) Oh! senhor!...

DEL. Não... acceitai-a, esta é a minha vontade.

ARTH. Mas eu, senhor, não terei tambem alguma cousa de que me arrepender... nesta... nesta differença?... Não tenho eu nada a fazer?...

DEL. O que tendes a fazer, eu vou dizer-vol-o (*Toca a campainha—apparece um criado.*) A sege está prompta?

CRÉADO. Sim, senhor Barão.

DEL. Ide-vos. — Perguntaes-me senhor, que vos resta a fazer — não vos falta senão partir.

ARTH. Partir!... e quando?

DEL. Dentro em dez minutos.

ARTH. Amelia?

DEL. Ha de acompanhar-vos.

ARTH. Com tal pressa!...

DEL. Acabaes de ser despachado para S. Petersbourgo — as vossas credencias forão-vos hontem entregues. — O alvará da vossa condecoração está já assignado. — Partis cheio de honras, e apto para alcançardes ainda mais, não é assim? Que mais vos falta?

ARTH. Mas partir tão depressa!

DEL. (*Encolerisado.*) Insultei-vos, e dei-vos satisfações; esta carta prova que o cobarde não sões vós, ... sou eu... Que mais vos é preciso?...

ARTH. Todavia, senhor!

DEL. (*Ainda mais incoherisado.*) Essas injustiças, que hontem me terião despedaçado o coração, se a cólera me não alliviasse... encerro-as hoje dentro do meu peito; se não posso extinguir o odio e o despeito, que me exitarão, faço ao menos por occultal-o: de offendido, que era, desço a supplicante... supplico-vos, que partaes... Mas dizei-me, dizei-me que mais vos é preciso ainda?

ARTH. Oh! deixai-me despedir dos meus amigos... deixai-me até amanhã...

DEL. (*Ergue-se, não podendo já ter mão em si.*) Mas que é o que tendes ainda a dizer-lhe?...

ARTH. (*Recnando.*) A quem?...

DEL. A'quella, que nem vós, nem eu podemos nomear d'aqui em diante na presença um do outro.

ARTH. Ah!...

DEL. É preciso, Arthur, que sejas bem cego, e bem insensato!... Eu renuncio ao unico bem, que me restava no mundo, áquillo, que faria com que fechasse os olhos sem amaldiçoar a Deos, á unica cousa, que faria com que pudesse dormir tranquillo no meu túmulo, ... á vingança... renuncio a ella para não deixar viuva a minha filha, e orfão o meu neto... e vós... vós não védes nisto se não uma fraqueza, de que vos aproveitaeis... sem adivinhar a sua causa... Acreditaes por ventura, que os annos hajão quebrantado as minhas forças? Inconsiderado mancebo!... sabeis pois que, se esta mão apertasse a vossa, vos obrigaria a cair de joelhos com a força da dor... e que se vos apontasse aos peitos a bôcca de uma pistola, ou a ponta de uma espada, chumbo ou aço vos iria directo ao coração!... En queria que partissem sem que houvesse explicações entre nós ambos: e nada mais: não estiveis por isso: pois haja-as. — Sou eu quem vol-as peço, ... sou eu quem vol-as exijo, ... sou eu quem vou para vós... (*Caminha para elle.*) Vejamos, vejamos se ousareis dar-m'as em pé...

ARTH. (*Caindo de joelhos.*) Ah! perdoai-me! meu pai! perdoai-me!...

DEL. Ora pois! de joelhos! miseravel! sim! de joelhos!... o que vós merecieis era que vos esmigalhasse a cabeça debaixo dos meus pés!... (*Chorando.*) Vós não podeis imaginar quão infame foi o vosso comportamento!... E se eu não houvéra podido supportar, como supportei, o vosso crime, se eu houvéra feito saltar os miolos fóra a mim mesmo com duas balas, como n'um momento tive tenção de fazer... acreditaes que o sangue do velho, que ainda ousaes chamar pai, não ficaria escorrendo gota a gota, por uma eternidade, sobre o vosso coração, abrasando-o como chumbo derretido?... Dizei: credeis

por ventura, que haveria para vós um dia de descanso, uma noite de sono, um instante de ventura?... Dizei: crêdel-o acaso?...

ARTH. (*Arrastando-se a seus pés.*) Oh! não o creio, não...

DEL. Ora bem, quando eu quero reservar para mim só mágoas, e vigílias, quando quero poupar-vos um martyrio n'este mundo, e um inferno no outro, quando para isso vos peço unicamente que partaes... que partaes, ignorando tudo, e por tanto sem remorsos!... é então que quereis ficar; que não adivinhaes nada; e que é preciso que vos diga tudo... Ora pois, agora que o sabeis, parti, parti agora, e levei a minha maldição...

ARTH. Ah! morrerai antes, que partir amaldiçoado por vós!

DEL. (*Trava-o pelo braço, e obriga-o a erguer-se.*) Parti, que mando eu! Parti, porque posso fazer mais do que amaldiçoar-vos!... Parti!... Vou abraçar, e preparar minha filha... Quando voltar, já aqui não quero encontrar-vos... Depois da minha morte... podcis cá tornar.

ARTH. Ah! o vosso perdão!

DEL. Aflastai-vos!... — (*Arthur reolha.*) Tornai feliz a minha Amelia, senhor, e com esta condição, unicamente com esta condição, ouvis? á hora da minha morte talvez vos perdoarei... Mas até lá... (*Rindo.*) Oh! vós fazeis zombaria disto!...

(*Entra no quarto de Amelia: Arthur segue-o com os olhos. — Entretanto sde Theresa do seu aposento pallida, e abatida, e vai sentar-se na cadeira, em que esteve Delaunay.*)

SCENA V.

THERESA, sentada. ARTHUR.

ARTH. (*Sem se voltar para o lado onde está Theresa, que elle não presentio.*) Que vergonha! que abysmo! que inferno!

THER. Tendes razão: é horrivel!

ARTH. (*Voltando-se.*) Theresa!...

THER. Estava por detraz daquella porta: ouvi tudo.

ARTH. (*Tutubiando, e chorando.*) Oh!... Oh!... Bem vol-o tinha eu dito!...

THER. Sim, sim... a culpa foi minha... só minha!... (*A parte.*) A punida serei tambem só eu!

ARTH. Que fazer?...

THER. Partir... não vol-o ordenou assim o auziço?

ARTH. Partir!... e vós?...

THER. Não vos dê cuidado a minha sorte, Arthur... No dia em que eu enganei a meu marido... tomei... para a realisar no momento em que elle desco-brisse a minha culpa, uma resolução... que hoje mesmo tenciono pôr em pratica.

ARTH. E qual é? dizei-ma porque trêmo!...

THER. Socegai, Arthur: se o cumprimento d'essa resolução me não tornar ditosa, tornar-me-há tranquilla... ao menos assim o espero... Mas parti, ah! parti!...

ARTH. A vossa mão!...

THER. Nada... Arthur, não!... Uma ultima caricia no momento, em que estamos, pesaria mais na balança divina, que todos os meus erros passados!... Adeos!

ARTH. Para sempre?...

THER. Para sempre!

ARTH. Adeos. (*Sde precipitadamente.*)

SCENA VI.

THERESA, depois PAULO.

THER. Parte... Arthur... parte, e só ditoso!... Já não tenho n'alma nem amor, nem ciúme... E permita Deos que eu fique tão tranquilla como te disse!... Ah! Paulo!...

PAUL. Suppuz que poderieis precisar de mim, senhora.

THER. Esperava por vós, Paulo.

PAUL. Aqui me tendes!

THER. Quando deixasteis a Italia pela Franca, deverieis pensar que n'um paiz estrangeiro, isolado, como ieis ser, podia acontecer-vos uma daquellas desgraças, ás quaes ninguem sobrevive...

PAUL. Pensei que podieis morrer, senhora!

THER. E essa desgraça, fosse ella

qual fosse, deveríeis prevenil-a antecipadamente com algum meio...

PAUL. Com dous, senhora.

THER. Quaes são?

PAUL. Este veneno, e este punhal.

THER. Reparti comigo.

PAUL. É pois certo que elle sabe tudo?...

THER. Tudo.

PAUL. Bem... Tomai. *(Dá-lhe o veneno.)*

THER. Agradecida... Tu comprehendes-me... tu, Paulo!

PAUL. Permetti que vos beije a mão! — *(Ergue-se, e olha para a porta, por onde Arthur saio.)* O cobarde!

THER. Que dizeis?...

PAUL. Nada... Digo que quem chega a amar-vos, e vos perde deve morrer!...

THER. Adeos, Paulo!... Restão-me poucos instantes... e tenho a fazer as minhas orações...

PAUL. Ora! por duas pessoas, senhora!

(Beija o vestido de Theresa em baixo, e sae.)

THER. *(Ergue-se para entrar no seu quarto.)* E voltarei para lhe pedir perdão.

SCENA VII.

THERESA, indo para entrar no seu quarto; AMELIA, entrando pelo lado oposto.

AMEL. Maman!.. querida Maman!...

THER. Amelia!... Ah!...

(Faz um movimento para evitar a sua presença.)

AMEL. Acaso não sabeis que me ausento?

THER. Sei...

AMEL. E não quereis dizer-me adeos?...

THER. *(Abraçando-a.)* Adeos, Amelia...

AMEL. Minha querida Maman! uma palavra, um minuto se quer, eu vol-o peço...

THER. *(Voltando para a scena, e caíndo sobre uma cadeira.)* Que me queres tu, minha filha?

AMEL. Tu deixo meu pai... elle fica tão triste!...

THER. Sim!...

AMEL. Sua filha parte para longe; Laura casará dentro em breve; Dulau, mais idoso que elle, pôde morrer; sões vós quem unicamente ficas com elle!... Ah! Tornai-o ditoso, tornai ditoso a meu pai; e alcançareis as benções das pessoas, que vos amão.

THER. Ah! minha menina!... minha filha!...

AMEL. Eu serei de todas essas pessoas quem mais vos bendirei, e o vosso nome será nomeado em todas as minhas orações!

THER. Ah! não esqueças jámais o que acabas de prometter-me!

AMEL. Oh! nunca!... E, se Deos me ouvir, sereis ditosa.

THER. E tu, sel-o-has?...

AMEL. Serei, sim; porque Arthur me quer bem, e a minha dita consiste no seu amor... Ah! olhai, maman, muito soffri ha um instante! muito soffri, porque duvidei!...

THER. *(Com vivacidade.)* Tu!... Mas estés desenganada?

AMEL. Eston; e já não tenho ciúmes.

THER. Pois tiveste-os?

AMEL. Mais do que podeis imaginar!... e obrigou-me isto a praticar uma acção...

THER. Qual foi?...

AMEL. Oh! foi horrivel!... e não me sinto todavia com forças para me arrepende, porque sem isso ainda seria desgraçada.

THER. Então que foi o que fizeste?

AMEL. Arthur recebia cartas...

THER. E então?...

AMEL. Que escondia n'uma carteira.

THER. E depois?...

AMEL. Eu tinha uma segunda chave do armario, em que elle a guardava; e hontem, durante o baile, apoderei-me da carteira.

THER. E abriste-a?...

AMEL. Não: entreguei-a a meu Pai *(Inclinando a cabeça sobre o seio de Theresa.)* Ah! foi muito mal feito, não é assim?...

THER. *(Juntando as mãos sobre a cabeça inclinada de Amelia.)* Filha!... Eu te perdôo a minha morte... foi Deos,

quem escolheo a tua mão para me fulminar!

AMEL. Que dizeis, minha Mãe?

THER. Digo que és um modelo de candura e de pureza; que os delictos podem passar á roda de ti sem manchar o teu vestido virginal; e que teus olhos, como os dos Anjos, não vêem deste mundo senão o que é bom e bello. — Adeos, minha filha... o ceo te fide bem... Adeos.

AMEL. Assim o espero, mamam... — *(Abraço-se.)* Tenbo para mim que serci ditosa.

THER. *(Entrando no seu quarto.)* É mais que certo; que a virtude não é uma palavra.

SCENA VIII.

UM CREADO, AMELIA, depois DELAUNAY, e ARTHUR.

O CREAD. Senhora, tudo está prompto.

AMEL. Dulau e Laura?...

O CREAD. Esperão por vós lá em baixo, para se despedirem.

AMEL. Bem. *(O Creado sá.)* Ide-vos: dizei-lhe que espero por meu Pai.

(Arthur apparece á porta do fundo, Delaunay á porta lateral, Amelia está na boca do Theatro.)

ARTH. *(Do fundo.)* Amelia não está no quarto: posso ir buscar... *(Vai para entrar no seu quarto, e encontra Delaunay á porta.)*

DEL. Ainda aqui, senhor!

ARTH. Perdoai!... eu ia...

DEL. *(Designando o quarto, d'onde sá.)* Ali?

ARTH. Sim... tinha-me lá esquecido...

DEL. Umas cartas, uma carteira, ... um retracto, não é assim?

ARTH. Ah!...

DEL. É inutil, tudo foi queimado, despedaçado, aniquillado.

AMEL. Como!... que dizeis, meu Pai?

DEL. Nada... — *(Indo para Amelia.)* Adeos, minha filha... Deos te guie pela mão! Deos te outorgue todas as venturas, que promete aos outros, sem lhas conceder!...

AMEL. Ah! meu Pai! é no momento em que vos deixo que eu conheço o muito que vos quero!

DEL. Paciencia, minha filha! ani-

mo!... E eu... eu... julgás tu de ferro o meu coração?... Adeos, minha filha...

AMEL. Não vindes acompanhar-nos até baixo?

DEL. Não... Para que?... Vai!

ARTH. *(Com timidez.)* Senhor!... Meu Pai!...

DEL. Torna-a-heis ditosa?

ARTH. Ah! eu vol-o juro!

(Delaunay dá-lhe a mão: Arthur cobre-a de beijos, e de lagrimas.)

DEL. Ora pois, ide-vos, senhor, ide-vos, e levai minha filha... Ide-vos!

AMEL. e ARTH. *(Saindo.)* Adeos! adeos!...

SCENA IX.

DELAUNAY, depois THERESA.

DEL. Adeos para sempre!... Adeos á minha filha, á minha Amelia, áquella, para quem contava estender a mão no meu leito de morte!... Ah!... o resto da minha vida não será mais que uma agonia longa e solitaria!... Quanto sou infeliz!... E quando, prevenido isto, dou lugar a outra mulher nos meus projectos, e nas minhas esperanças, ... essa mulher... ah!... essa mulher...

THER. *(Avisinhando-se.)* Destruio-as, não é assim?

DEL. *(Estremecendo.)* Sões vós, Theresa!...

THER. Estáveis a amaldiçoar-me!

DEL. Estava a lastimar-vos.

THER. Ah! sões tão bondadoso...

DEL. Sou justo: o primeiro erro foi meu, Theresa: eu devéra ter olhado para a minha cabeça branca, e para os vossos cabellos negros... devéra ter-vos deixado em Napoles ditosa e livre.

THER. Poupar-me-hieis assim um delicto e um remorso...

DEL. Que dizeis, Theresa!... Estaes enganada: nisto não ha nem delictos, nem remorsos... ao menos eu nada sei... e nada quero saber... — Uma separação entre nós é de absoluta necessidade, — e nada mais. — Uma separação equival para vós á liberdade... Deixo-vos em Paris, ... deixo-vos no meu palacio... com honra... deixo-vos com o meu nome, e a minha fortuna... Parto para *Auvergne*.

THER. Sósinho!... sósinho!...

DEL. Dulau vai comigo... tinha-me dito que o encontraria á hora em que d'elle tivesse necessidade... Ah! encontrei-o a essa hora.

THER. Oh meu Deos! meu Deos!...

DEL. Não é isto sufficiente, senhora?... Dizei: convir-vos-hia antes, que eu ficasse? Tendes precisão da minha sombra para?...

THER. Tenho precisão das vossas lagrimas sobre o meu sepulcro!...

DEL. (*Sorrindo-se.*) Ah!...

THER. Tenho precisão da vossa benção no meu ultimo suspiro... da vossa benção, ouvis?... porque o meu perdão não ousou esperal-o, é um negocio entre mim e Deos.

DEL. (*Com amargura.*) No vosso ultimo suspiro, senhora?... Ah! olhai para nós ambos, e vede qual deve sobreviver ao outro... Vós estaes no verdor da mocidade e da formosura: teréis largos annos de vida.

THER. No verdor da mocidade... Acaso é isso motivo para não morrer?... Eston no verdor da formosura... Ah! olhai para mim.

DEL. (*Espavorido.*) Oh! meu Deos!...

THER. Terei largos annos de vida!... Acreditaes que se possa viver por muito tempo com este suor no rosto, e com veneno nas entranhas?

DEL. Veneno!...

THER. (*Coindo sobre os joelhos.*) É pois necessario dizer-vos tudo... não adivinhaes nada?... Mas não vedes que morro?...

DEL. Vós!... oh meu Deos! meu Deos! soccorro!...

THER. (*Segurando-lhe as mãos.*) Não vos vades!... não me deixeis!... Não quero soccorro... morrerei n'esse espaço.

(*Segura-se ás duas mãos de Delannoy, e deixa-se arrastar, com a cabeça inclinada por terra.*)

DEL. Tu, morrer!... Não, não, não!... É impossivel!... Dulau!... Laura!...

(*Dulau e Laura entram pela porta do fundo, e deixão ver Paulo.*)

SCENA X.

Os precedentes, DULAU e LAURA.

DEL. Que aconteceu?... que gritos são estes?...

LAUR. Dizei, dizei!...

DEL. Oh!... Theresa!... veneno... Não percebeis?... Está envenenada!...

PAUL. (*Fechando a porta.*) Bem!

DEL. Que fazer?...

DEL. Um medico n'um momento!... a minha fortuna é sua... Correi, correi depressa!

DEL. e LAUR. (*A porta do fundo.*) Esta porta está fechada!...

DEL. Atombai-a!

(*Dulau arromba a porta com o pé. — Laura e elle recuão, dando um grito.*)

DEL. e LAUR. Ah!...

DEL. Que acontece?...

DEL. Paulo morto!... Paulo apunhalado!...

THER. (*A Delannoy forcejando por erguer-se.*) Apressai-vos a perdoar-me em quanto vos não veem... e dir-lhe-heis, se quizerdes, que me haveis amaldiçoado.

DEL. Eu te perdoo e te abenço, pobre mulher!... e Deos não será mais severo do que eu tenho sido.

THER. (*Expirando.*) Talvez.

FIM DO DRAMA.

Antonio José Marques Correia Calhira.

José Freire de Serpa Pinantel.

José Maria Eugenio d'Almeida.

João das Neves Gomes Elzeu.

Rodrigo José de Moraes Soares.

Julgámos o Drama = THERESA = digno de ser traduzido pelo Conservatorio, e apto para ser representado no Theatro da N. A. D.; — e revimos e approvámos a sua versão, conformando-nos com o parecer dos Traductores na leve alteração, que soffeo o original em a ultima Scena do Acto 3.º; — cuja mudança a delicadeza, a modestia, e os bons costumes, que nos prezamos de respeitar e seguir como norma em as nossas publicações Dramaticas, altamente reclamavão.

Coimbra. Sala da Direcção do Conservatorio Dramatico da Nova Academia Dramatica, 14 de Junho de 1839.

—— *Moraes Soares.*
—— *Freixo de Serpa.*
—— *Coutinho Vianna.*

Ulysses o Destino = THE HEAVEN = digno de ser tratado pelo
Constituinte, e aqui para ser representado no Pleno da A. N.
— e rarissimo e approvamos sua versao, conformando-nos com o pa-
reer dos Traductores de Java allengua, que soñho a original em a
ultima Scene do Acto 3.º = esta mudança a hellanosa, a modesta,
e de honra costume, que nos prezamos de regular e seguir como
tambem em as nossas publicações, e finalmente a
estimar... esta de Theatro do Governador de Maranhão de Nova
York em 1789, e de Junho de 1810.

Martha Jones
1789
1789